

Lucas Eduardo Junckes

**O SILÊNCIO NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA:
RESGATE DO ESPÍRITO DA LITURGIA
E DA PARTICIPAÇÃO DOS FIÉIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Aléz Lima
da Silva

Florianópolis
2021

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

Junckes, Lucas Eduardo

O silêncio na celebração eucarística: resgate do espírito da liturgia e da participação dos fiéis / Lucas Eduardo Junckes; Orientador: Rafael Aléx Lima da Silva; Florianópolis, SC, 2021.

100 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Celebração Eucarística
2. Liturgia
3. Participação
4. Silêncio. II. Título.

Lucas Eduardo Junckes

**O SILÊNCIO NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA:
RESGATE DO ESPÍRITO DA LITURGIA
E DA PARTICIPAÇÃO DOS FIEIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, XX de mês de 2021.

Prof. Dr. Rafael Aléz Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael Aléz Lima da Silva
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Valter Maurício Goedert
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Domingos Volney Nandi
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
em quem silêncio e onipotência se
confundem.

AGRADECIMENTOS

A Diogo Berns, incentivador da pesquisa e aprofundamento na presente temática.

O Senhor está em seu Santuário sagrado: Silêncio
em sua presença, terra inteira!

(Hab 2,20)

RESUMO

A liturgia é o meio privilegiado de experiência com Deus Pai, da presença de Jesus Cristo e da ação do Espírito Santo. Assim como na história da salvação, na liturgia Cristo conduz ao Pai todos os homens e mulheres. Esses devem tomar parte nessa ação que se dá em seu próprio favor. Meio muito eficaz de conceder abertura a Deus e, portanto, participar da sua salvação, é o silêncio. Através dele é possível abrir os ouvidos à escuta da sua Palavra, instaurar um diálogo interior, respondendo ao mesmo Deus e conformando-se à sua vontade. Na celebração eucarística esse diálogo acontece de forma eminente. O próprio Jesus revela as escrituras e parte o pão para os comensais. O mesmo Jesus que buscava no silêncio o encontro com o Pai, ensina a silenciar para atingir o mesmo fim. Na mesma celebração eucarística está presente, do início ao fim, o silêncio. Deve ser valorizado em vista de se promover verdadeiramente o encontro com Deus.

Palavras-chave: Celebração eucarística. Liturgia. Participação. Silêncio.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1Pd – Primeira carta de São Pedro
1Rs – Primeiro livro dos Reis
1Sm – Primeiro Livro de Samuel
1Tm – Primeira Carta de São Paulo a Timóteo
1Ts – Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses
Ap – Livro do Apocalipse de São João
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Dt – Livro do Deuteronômio
Ex – Livro do Êxodo
Gn – Livro do Gênesis
Hab – Livro do profeta Habacuc
Is – Livro do profeta Isaías
Jo – Evangelho segundo João
Jó – Livro de Jó
Jr – Livro do profeta Jeremias
Lc – Evangelho segundo Lucas
Lm – Livro das Lamentações
Lv – Livro do Levítico
Mc – Evangelho segundo Marcos
MD – *Mediator Dei*
MS – *Musicam Sacram*
Mt – Evangelho Segundo Mateus
Ne – Livro de Neemias
Pr – Livro dos Provérbios
Rm – Carta de São Paulo aos Romanos
SC – *Sacrosanctum Concilium*
Sl – Livro dos Salmos
So – Livro do profeta Sofonias
SS – *Spiritus et Sponsa*
Tg – Carta de São Tiago
Zc – Livro do profeta Zacarias

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 17 |
| 1 O ESPÍRITO DA LITURGIA | 21 |
| 1.1 O QUE É A LITURGIA? | 21 |
| 1.1.1 Ação de Deus Pai | 23 |
| 1.1.2 Presença de Jesus Cristo | 26 |
| 1.1.3 Ação do Espírito Santo | 29 |
| 1.1.4 Oração, diálogo e encontro | 31 |
| 1.1.5 Principal fonte de espiritualidade | 33 |
| 1.1.6 Pausa restauradora | 34 |
| 1.2 PARTICIPAÇÃO DOS FIÉIS | 36 |
| 1.2.1 Culto espiritual | 38 |
| 1.2.2 Participação ativa | 39 |
| 2 O SILÊNCIO E A LITURGIA | 43 |
| 2.1 O SILÊNCIO NAS SAGRADAS ESCRITURAS | 43 |
| 2.2 SILÊNCIO E EXPERIÊNCIA DE DEUS NA LITURGIA | 46 |
| 2.2.1 Silêncio de Deus Pai | 46 |
| 2.2.2 Silêncio de Jesus Cristo | 48 |
| 2.2.3 Silêncio para acolher o Espírito Santo | 50 |
| 2.3 O SILÊNCIO LITÚRGICO | 51 |
| 2.3.1 Silêncio para a participação dos fiéis | 54 |
| 2.3.2 Silêncio de escuta e reflexão | 55 |
| 2.3.3 Silêncio para a oração, diálogo e encontro | 58 |
| 2.3.4 Silêncio de pausa restauradora | 60 |
| 2.3.5 Silêncio e ritualidade | 62 |
| 2.4 COMO VIVER O SILÊNCIO NA LITURGIA? | 62 |
| 3 O SILÊNCIO NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA | 67 |
| 3.1 RITOS INICIAIS | 69 |
| 3.1.1 Silêncio antes da celebração | 69 |
| 3.1.2 Silêncio no ato penitencial | 70 |
| 3.1.3 Silêncio ao convite <i>oremos</i> | 73 |
| 3.2 LITURGIA DA PALAVRA | 75 |
| 3.2.1 Silêncio antes de iniciar a liturgia da Palavra | 76 |
| 3.2.2 Silêncio de escuta da Palavra | 78 |
| 3.2.3 Silêncio de meditação da Palavra | 79 |
| 3.2.4 Silêncio na proclamação do Evangelho e após a homilia | 80 |
| 3.3 LITURGIA EUCARÍSTICA | 82 |
| 3.3.1 Silêncio na apresentação dos dons | 83 |
| 3.3.2 Silêncio na oração eucarística | 84 |
| 3.3.3 Silêncio no rito da comunhão | 87 |

| | |
|--------------------------|-----------|
| 3.4 RITOS FINAIS | 89 |
| CONCLUSÃO | 93 |
| REFERÊNCIAS | 97 |

INTRODUÇÃO

A liturgia, em sua definição mais elementar — louvor de Deus e santificação dos fiéis — comporta a obra de Deus e uma resposta do ser humano. Porque é ação de Deus requer também um adequado agir de quem toma parte na liturgia. Uma vez que a Teologia Litúrgica se ocupa da comunicação de Deus com o ser humano, não deixa em segundo plano a reflexão acerca dos meios adequados a serem empregados na própria ação litúrgica; a fim de conduzir todos ao verdadeiro diálogo e encontro com Deus.

A reforma litúrgica, proposta pelo Concílio Vaticano II, frisou a necessidade de uma participação plena, ativa e frutuosa no mistério celebrado na liturgia, por parte de todos aqueles que a celebram. Mas o Concílio não só disse *o que* buscar — a participação plena — mas também disse *como* buscar. A ênfase na participação dos fiéis comporta um elenco de ações para promovê-la, sendo uma dessas ações o silêncio.

A aplicação da mesma reforma litúrgica está em curso. Alguns elementos já foram postos em prática, outros não. O silêncio está no grupo daquelas recomendações que não foram tão valorizadas com o passar do tempo, e mesmo atualmente. As celebrações tendem, por vezes, ao ruído inconveniente, que se manifesta de muitas maneiras: os comentários e intervenções excessivas, baixo incentivo à contemplação e vivência do mistério celebrado, ausência de momentos oportunos para oração, poucas oportunidades de meditar o que foi lido, anunciado e proclamado, para refletir a própria condição, elaborar preces pessoais, enfim, tudo quanto o silêncio possa proporcionar.

Não se trata de um cenário generalizado; mas essa tendência negativa pode ser o primeiro fruto de desatenção a dois aspectos fundamentais. O primeiro é a compreensão do espírito da liturgia, também evocada pela reforma conciliar. Ou seja, o que ela é, o que acontece nela, quem é seu autor principal, a quem se destinam as ações. Perdendo de vista essa essência, tudo o mais tomará caminhos incoerentes com a mesma essência. Daí a urgência em resgatar o espírito da liturgia ao tratar sobre um tema a ela vinculado, opção que aqui se faz. Aspectos históricos e/ou antropológicos sobre o silêncio também podem auxiliar na maior compreensão do tema. No entanto, vê-se como mais urgente dar passos no aprofundamento do que já se tem — toda a realidade litúrgica — na tentativa de frear a busca incessante por novidades.

O segundo aspecto que influencia a prática litúrgica é a observação ou não das normas litúrgicas. Receber dos livros litúrgicos suas recomendações e buscar aplicá-las certamente é antídoto para

criatividades sem critério e uma condução litúrgica conforme seu espírito. As menores normas, as menores rubricas, certamente querem fazer sentir aquilo que há de maior na liturgia.

Não se pode falar dos menores aspectos da liturgia sem correspondência com os maiores. É preciso vincular as normas e rubricas com o significado dos ritos. Do visível ao invisível. Eis o caminho para passar do ritualismo à ritualidade, do rubricismo à incorporação das rubricas ao espírito da liturgia. Elas são tão somente servas do grande intento da liturgia. São meios e não fins. Não se deseja uma liturgia estritamente silenciosa, pois no silêncio literalmente mudo não se encontra aquilo que busca o ser humano. Deseja-se uma liturgia que proporcione pôr em prática os meios pelos quais se possa entrar em relação com Deus.

A abertura do ser humano a Deus já se apresenta como um desafio. Se não observadas e aprofundados os significados das recomendações litúrgicas, em especial o silêncio, a comunicação entre ambos pode ficar comprometida. Assim, as celebrações litúrgicas não oferecerão às pessoas nada de muito distinto do que elas encontram no seu dia a dia, no fragor da rotina, na inquietude na qual está imersa a sociedade hodierna. A celebração eucarística, principalmente, não assumirá aquela característica de ser uma pausa restauradora na caminhada rumo ao céu, como se propõe a ser.

A restauração da qual se fala cabe, sem dúvida, à ação do próprio Deus, à eficácia do sacramento mesmo. Do contrário, se estaria fadando a liturgia à esterilidade, enquanto dependente da ação humana, apenas. Mas porque Deus assumiu a condição humana, assumiu o tempo e ritmo humanos, não se pode desconsiderar tudo isso que lhe diz respeito.

Ele, o ser humano, é ação e contemplação, é atividade e repouso, distração e atenção, fala e escuta, palavra e não palavra, som e silêncio. Todas essas dimensões ele vive em sua vida e busca alternância entre elas. É notória, hoje, a busca de práticas de meditação e reflexão. O ser humano percebe que precisa tempos de repouso e silêncio. Por que, apenas na liturgia, essa alternância nas dimensões seria desrespeitada? Não se concederia aos homens e mulheres a possibilidade de restauração mantendo-os na obstinação de apenas uma dimensão: na ação, na palavra, no movimento. Portanto, na liturgia, o sentido de restauração pode ser ampliado. A força sacramental, a ação do próprio Deus, emoldurada e salvaguardada pelo esforço humano.

Partindo disso, não seja a ação litúrgica apenas, sons, ação, movimento, fala, palavras..., mas que também conceda o silêncio como um dom. Aliás, por sua essência, a liturgia está destinada a ser oração,

encontro, diálogo e fonte de espiritualidade. Sem silêncio não há oração. Sem silêncio não há encontro. Sem silêncio não há diálogo. Sem silêncio, o espírito do ser humano não conhece parte importante de sua dimensão. E sem o silêncio estaria comprometida a plena participação nos mistérios celebrados na liturgia. É no silêncio que o diálogo com Deus atingirá sua completude, incluindo também o que as palavras e sons não podem conter.

O silêncio pode assumir várias conotações ao longo da celebração eucarística e vai muito além dos momentos específicos nos quais ele é apontado como parte integrante do rito. Ele está presente em toda a celebração, ela é marcada por ele. Mesmo que não se trate de um daqueles momentos de silêncio previsto, fala-se de uma atitude de escuta, por exemplo. Seja de uma leitura bíblica, seja de uma oração feita por quem preside, seja de uma música; enfim, apresenta-se também como um silêncio de escuta.

Culminará na celebração eucarística o resultado da relação entre silêncio e liturgia. Dela se falará e da presença do silêncio na sua dinâmica ritual, buscando o sentido de cada momento em que é recomendado. Elege-se ela enquanto liturgia mais acessada pelos fiéis e de instrução normativa repleta de menções ao silêncio. Nas considerações acerca do silêncio na celebração eucarística, há de se encontrar de modo diverso essa relação. De tão significativa que é, a relação, ora o silêncio aparecerá como parte integrante de diversos ritos, ora como explícita recomendação, ora como elemento subentendido – embora não citado –, ora como uma salutar sugestão. O leitor saberá identificar as devidas distinções para que a prática do silêncio seja oportuna e equilibrada.

Por fim, há de perceber que o silêncio é uma recomendação entre tantas; não é elemento absoluto, mas que pretende conduzir ao absoluto. As considerações acerca do espírito da liturgia é que darão ao silêncio litúrgico a razão de existir; para, posteriormente, consolidar a relevância do silêncio na dinâmica da celebração eucarística.

É um caminho necessário de se trilhar. Tendo diante dos olhos a celebração eucarística: resgatar o que é a liturgia na sua essência, despertar para a necessária participação, e identificar a importância do silêncio nessa dinâmica; para, então, retornar à celebração eucarística e identificar como o silêncio pode ajudar na sua frutuosa participação.

1 O ESPÍRITO DA LITURGIA

Tudo o que está relacionado com a ação litúrgica tem sua razão de existir na liturgia mesma. Para compreender isso, basta identificar que os vários elementos constituintes carregam consigo o adjetivo litúrgico(a): ministro litúrgico, música litúrgica, assembleia litúrgica etc. Logo, todos esses elementos estão para favorecer o agir litúrgico, para colaborar com o que a liturgia se propõe. Assim acontece com o silêncio, que também recebe o adjetivo *sagrado*.

Como elemento integrante da ação litúrgica, a ela tende e deve participar de sua finalidade. Seria incompleto, então, refletir o silêncio sagrado, o silêncio litúrgico, sem antes compreender a sua razão de existir. Seu valor será reconhecido somente com a compreensão do espírito da liturgia, obra maior à qual o silêncio se destina e à qual serve.

Este é o primeiro e necessário intento: tornar evidente o conteúdo da liturgia, seu espírito, seus elementos não visíveis. Ousa, esse primeiro passo, responder a simples, porém necessária pergunta: o que é liturgia? Para essa pergunta muitas são as respostas, parte delas verdadeiras, mas por vezes limitadas. Limitadas porque muito se enfatiza apenas uma dimensão, a externa, a visível, a normativa. Mas só existe o fator visível porque há o *invisível*, do qual o visível é meio e servidor.

Ao identificar, então, o que de fato é a liturgia, necessariamente surgirá a reflexão sobre a *participação*, o tomar parte, *tocar o conteúdo* da ação litúrgica. Se algo é identificado como fundamental e essencial, segue-se um impulso para se lhe ir ao encontro, com intenção de fazer uma experiência verdadeira. Nesse sentido, buscar-se-á, como consequência, ampliar o sentido de participação na liturgia.

1.1 O QUE É A LITURGIA?

É comum a identificação da liturgia com seu aparato externo, ritos, elementos visíveis. Em uma consulta comum acerca disso, serão recorrentes as considerações nesse sentido. Mas diante de tantos argumentos e esforços em ressaltar demasiadamente o aspecto visível da liturgia, deve-se intervir com o que argumenta Gregório Lutz: “[...] isso é apenas a casca externa das celebrações, são os gestos e as palavras que querem expressar algo *interior, espiritual, salvífico*.”¹

¹ LUTZ, Gregório. O que é liturgia? In: LITURGIA: vida e obra do Padre Gregório Lutz, CSSp (1931-2019). São Paulo: Loyola, 2019. p. 165-172. p. cit. 165, grifo nosso.

Grande resgate acerca da essência da liturgia fez a reforma litúrgica, resultando na Constituição *Sacrosanctum Concilium* do Concílio Vaticano II. Ao tratar da natureza da liturgia, evoca, primordialmente, a história da salvação. Recorda o querer ativo de Deus em salvar o ser humano e reforça qual o ponto alto desse agir:

Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, que tem o seu prelúdio nas maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a o Cristo Senhor, especialmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão.²

Com isso, é apontado o conteúdo central da liturgia da Igreja, sua essência, sua natureza. Trata-se de salvação, redenção, agir eficaz de Deus em favor do ser humano. Não uma nova ação, mas aquela já operada pela páscoa do Senhor, continuada hoje na liturgia. Joseph Ratzinger também evoca o mistério pascal para tratar do espírito da liturgia: “Se [...] possamos dizer que o *Mistério Pascal* constituía o núcleo da *obra de Jesus*, o nexa com a liturgia resulta, então, óbvio: justamente, essa *obra de Jesus* é o verdadeiro conteúdo da liturgia.”³

Esse *conteúdo* deve ser defendido da relativização e dos acréscimos secundários que sofre. Precisa-se mais do que a páscoa de Cristo, com toda a salvação nela contida? Afinal, é para isso que todos são destinados: “[...] alcançarmos a salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo.”⁴ Dionísio Borobio aponta o que não se vê, mas é o mais importante:

O original de nossa liturgia não são tanto as formas quanto o conteúdo e o mistério. Não são tanto os agentes humanos quanto o *agente divino*. Não é tanto aquilo que se manifesta e se vê quanto aquilo que está presente e atua, mas não se vê.⁵

² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 33-86. p. cit. 36; SC 5.

³ RATZINGER, Joseph. **Teologia da liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã**. Brasília: CNBB, 2019. p. 589, grifos do autor.

⁴ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985; 1Ts 5,9.

⁵ BOROBIO, Dionísio. **Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2009. p. 33, grifo do autor.

A Constituição Litúrgica apontou também os agentes divinos em atuação na liturgia, os verdadeiros protagonistas da ação, cada qual a seu modo. Se relativizados a atuação desses agentes, outros secundários serão postos em destaque. José Antonio Paulorena convida, para isso, a analisar a Constituição Litúrgica, a fim de identificar mais alguns dos princípios fundamentais quando se trata da essência da liturgia: a ação de Deus Pai, a presença de Cristo, a ação do Espírito Santo. Tem-se evidenciada a dimensão trinitária da liturgia.⁶ Esses são os princípios norteadores de toda celebração litúrgica. Eles darão o tom, a dinâmica, o estilo das celebrações. Eles legitimam e dão *sentido* a cada gesto, atitude, texto, norma e rubrica.

Com esse princípio básico estabelecido, pode-se avançar no significado da liturgia, dando um passo a mais daqueles que evidenciam apenas o exterior da ação. Paulorena arrisca uma definição elementar: “Poderíamos definir a liturgia como a relação celebrativa entre Deus e sua Igreja [...] por meio de Jesus Cristo e no Espírito Santo para que as pessoas sejam santificadas e Deus seja glorificado.”⁷ Nota-se a centralidade de Deus, aquele a quem tudo se dirige, como sendo o sujeito principal, o grande destinatário da ação litúrgica. Também a presença de Jesus Cristo, como mediador dessa ação, continuando sua obra de mostrar o Pai e tudo a ele conduzir. Cabe ao Espírito Santo, então, proporcionar essa ação. É nele que essa relação celebrativa acontece, por sua atuação.

1.1.1 Ação de Deus Pai

Identificar o grande destinatário da ação litúrgica proporciona uma melhor consciência do que se está nela fazendo, quem nela está atuando. Ao mesmo tempo, se sabe a quem se está dirigindo, com quem se está falando. Afinal, a liturgia não é meramente uma reunião entre os fiéis para dialogarem entre si. Sem descartar essa possibilidade, é preciso dizer que nisso não está a salvação. Deus é o sujeito da liturgia, aquele ao qual se destina toda a ação e aquele que age em favor dos seus.

⁶ PAULORENA, José A. G. B de. Resaltar los *altiora principia* de la liturgia. **Phase**: revista de pastoral litúrgica, Barcelona, ano 58, n. 348, p. 527-529, 2018. p. 528.

⁷ “Podríamos definir la liturgia como la relación celebrativa entre Dios y la Iglesia [...] por medio de Jesucristo en el Espíritu para que las personas sean santificadas y Dios sea glorificado.” (PAULORENA, 2018, p. 527, tradução nossa).

Bento XVI fala dessa orientação fundamental da ação litúrgica: “É o ato no qual entramos em contato com Deus: Ele vem a nós, e nós somos iluminados por Ele.”⁸ Toda ação litúrgica deve pautar-se nesse princípio. Deve tornar evidente essa verdade através de seus numerosos elementos visíveis. Afinal, nisso está a grandeza da liturgia, motivo de alegria e razão pela qual se deve acorrer a ela. “Grande é o Santo de Israel no meio de ti.”⁹ É o meio privilegiado para que isso aconteça, tal como exorta Agustín Sanz:

Desde a criação, desde a redenção, desde o envio do seu Espírito... constantemente um Deus criador, Pai, salvador... busca continuamente o homem e lhe concede que entre em contato com ele de diversos modos, sendo a celebração litúrgica o fato objetivo mais real para o encontro pessoal e único com ele. Este é o grande anúncio e novidade do cristianismo.¹⁰

É o grande anúncio já narrado nas sagradas escrituras. Quando da queda do ser humano Deus vai lhe ao encontro: “[...] se esconderam da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. O Senhor Deus chamou o homem: “Onde estás?”¹¹ Sim, pois agora na liturgia se celebra toda a história da salvação, história que faz perceber a busca de Deus pelo ser humano. É celebração do Deus criador que não abandona sua criatura, mas sempre está em atitude de oferecer a salvação, propor uma vida em comunhão com ele.

Pedro Fernandez evidencia a relação entre a história da salvação e liturgia: “Tanto a revelação divina como o culto litúrgico proclamam e

⁸ BENTO XVI. **Audiência geral**. Vaticano, 3 out. 2012. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121003.html>. Acesso em: 31 out. 2020.

⁹ Is 12,6.

¹⁰ “Desde la creación, desde la redención, desde el envío de su Espíritu... constantemente un Dios creador, Padre, salvador... busca continuamente al hombre y le concede que entre en contacto con él de diversos modos, siendo la celebración litúrgica el hecho objetivo más real para el encuentro personal y único con él. Éste es el gran anuncio y novedad del cristianismo.” (SANZ, Agustín. Liturgia y Experiencia de Dios. **Phase**: revista de pastoral litúrgica, Barcelona, ano 51, n. 304, p. 349-362, 2011. p. 361. tradução nossa).

¹¹ Gn 3,8-9.

celebram o acontecimento histórico do Deus que sai ao encontro do homem para salvá-lo.”¹² Também a oração eucarística IV faz dessa verdade de fé o conteúdo da oração da Igreja: “[...] oferecestes muitas vezes aliança aos homens e às mulheres e os instruístes pelos profetas na esperança da salvação.”¹³ Assim se reza, pois assim se crê.

Na liturgia, especialmente na celebração eucarística, está posta a salvação oferecida por Deus Pai, por meio de seu Filho. Jesus, ao contar a parábola do homem que ofereceu um grande banquete, fala do Pai que convida amigavelmente à participação na sua mesa de salvação. “Vinde, já está tudo pronto.”¹⁴ Feito o convite, surgem os pretextos para não se tomar parte no banquete, quando se trata, na verdade, de um convite irrecusável e sobre o qual nenhuma outra proposta tem prioridade. Daí a importância de se identificar aquele que faz o convite e do que se trata o dom concedido, qual seu conteúdo.

Muito se recusa ou se manipula, hoje, a liturgia, pois não se sabe com convicção quem é seu agente principal. Ainda que se saiba tratar-se de um louvor a Deus, pouca consciência se tem do que se é oferecido. Fernandez acentua mais a ação de Deus em prol do povo do que o contrário: “A liturgia não é somente algo que nós tributamos a Deus, mas, *antes de tudo, algo que Deus nos concede para a sua glória e para a nossa salvação.*”¹⁵

Além de ser a obra de Deus, também é obra do povo, tendo Deus mesmo como principal destinatário. Ele oferece sua vida, sua salvação e o povo, em resposta, se dirige unicamente a ele, como único merecedor do louvor e adoração. Bento XVI reitera: “[...] a liturgia celebra-se para Deus, e não para nós mesmos; é obra sua; Ele é o sujeito; e nós devemos abrir-nos a Ele e deixar-nos guiar por Ele.”¹⁶ Deve-se cultivar um sentimento de abertura na celebração litúrgica pois “A salvação pertence ao nosso Deus [...] e ao Cordeiro!”¹⁷

É preciso reconhecer que se deve ao seu querer salvífico a reunião dos fiéis para a liturgia, e que não se trata de um encontro sem objetivo

¹² FERNANDEZ, Pedro. O mistério pascal de Jesus Cristo. In: BOROBIO Dionisio (Org.). **A Celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990a. p. 245-251. p. cit. 249.

¹³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 14. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 489.

¹⁴ Lc 14,17.

¹⁵ FERNANDEZ, 1990a, p. 250, grifo nosso.

¹⁶ BENTO XVI, 2012, não paginado.

¹⁷ Ap 7,10.

próprio, pois nela Deus oferece sua salvação. Ao fazer essa experiência, o ser humano vai progredindo na transformação de sua própria vida, adquire os frutos de paz, alegria, vê crescer sua fé, esperança e caridade.¹⁸

1.1.2 Presença de Jesus Cristo

A história da salvação atinge seu ápice quando o próprio Filho de Deus, Jesus Cristo, se revela como único mediador entre o Pai e os seres humanos. “Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim.”¹⁹ Também é aquele que o Pai enviou para, em seu nome, buscar o ser humano, buscar a ovelha perdida. O enviou para explicitar a amizade e o amor que tem para com cada homem e mulher. “O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.”²⁰ Se assim se revelou na história da salvação, também na liturgia a presença de Cristo é necessária para que o grande encontro aconteça. O encontro entre Deus e o ser humano.

Na liturgia celebra-se essa aliança, tendo Jesus Cristo como seu único mediador. Borobio também recorre à categoria de mediação para falar da presença de Cristo na liturgia: “[...] essa ação sacerdotal mediadora de Cristo continua e se faz presente na liturgia e nos sacramentos, de modo que ele é o centro e a mediação de toda liturgia.”²¹ Se o Pai é a grande fonte e destinatário da liturgia, a presença de Cristo é tal que em tudo o que nela acontece pode-se identificar sua presença. Na história da salvação sua missão é de fazer sentir e ver o Pai. “Quem me vê, vê o Pai.”²² Tudo na liturgia aponta para sua presença, de tudo se utiliza para agir e comunicar o Pai.

A Constituição Litúrgica conciliar elenca os elementos nos quais está presente Jesus Cristo: “Está presente [...] na pessoa do ministro [...]. Está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se leem as Sagradas Escrituras. Está presente, por fim, quando a Igreja ora e salmodia.”²³ É o Filho amado mediando o encontro de salvação. Na pessoa do ministro, comunica pelos gestos e pelo olhar o amor do Pai. A voz do Pai faz-se ouvir por sua própria voz por meio da proclamação das

¹⁸ SANZ, 2011, p. 362.

¹⁹ Jo 14,6.

²⁰ Lc 19,10.

²¹ BOROBIO, 2009, p. 37.

²² Jo 14,9.

²³ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 37; SC 7.

leituras bíblicas. Associando a si a Igreja, age como a cabeça do corpo orante, dirigindo-se ao Pai em prece. Graças a tudo isso, segundo Matalanga Mabilia, “[...] Cristo pode ser visto, ouvido, tocado e contemplado.”²⁴

Não há confusão na atuação dos agentes divinos na ação litúrgica. Cada qual, a seu modo, opera a salvação e a santificação do ser humano. A pessoa do Filho ocupa também o lugar central na liturgia. Ele atua naquele que preside a ação, naquele que lê as sagradas escrituras, naquele que canta. Fernandez outorga ao Cristo um posto primordial na ação: “[...] o celebrante principal *é, definitivamente, o próprio Jesus Cristo.*”²⁵ A afirmação de que Cristo é o principal celebrante, não anula o protagonismo de Deus Pai. Na liturgia, como na história da salvação, a ação de Cristo está voltada para o Pai e deseja revelar o Pai.

Na liturgia também se experimenta o Cristo de um modo singular. Fernandez reforça: “A liturgia é o lugar por excelência da presença e da ação do Senhor e onde se faz a experiência fundamental de Jesus Cristo.”²⁶ Ele continua a exercer seu sacerdócio, seu serviço em favor do ser humano. Ele inaugurou, por sua morte e ressurreição, a salvação, e continua a oferecê-la a todos que a aceitarem.²⁷

É imprescindível voltar-se para as ações de Jesus nos evangelhos, a fim de aguçar o olhar da fé em relação à liturgia, especialmente a celebração eucarística. Afinal, é o novo jeito de continuar sua ação entre os homens e mulheres, um novo modo de estar presente. “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles.”²⁸ Já no livro dos Provérbios se aponta para o Cristo que convida à refeição: “Vinde comer do meu pão, e beber do vinho que misturei.”²⁹

A oração eucarística VI, em todas as suas subdivisões, também faz despertar a consciência para a presença eficaz de Jesus: “Na verdade é bendito vosso Filho, presente no meio de nós, quando nos reunimos por

²⁴ MABIALA, Matalanga. **A beleza da liturgia**: manifestação da presença real de Cristo. 99 p. Dissertação (Mestrado) — Teologia Dogmática com concentração em Liturgia, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção, São Paulo, 2007, p. 44.

²⁵ FERNANDEZ, 1990a, p. 250, grifo nosso.

²⁶ FERNANDEZ, Pedro. Um culto em espírito e verdade. In: BOROBIO Dionisio (Org.). **A Celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990b. p. 252-276. p. cit. 257.

²⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 36; SC 6.

²⁸ Mt 18,20.

²⁹ Pr 9,5.

seu amor. Como outrora aos discípulos, *ele nos revela as Escrituras e parte o pão para nós.*³⁰ Tal apontamento faz lembrar da presença amigável do Senhor com os discípulos a caminho de Emaús. O que fez com os discípulos, faz com todos aqueles que acorrem à celebração eucarística com o desejo de com ele se encontrar. Não é legítimo o lamento de não se ter vivido no tempo de Jesus, de não experimentá-lo tal como experimentaram os discípulos e as multidões, pois, como reforça Fernandez, “Jesus Cristo [...] *reparte conosco*, na eucarística, o seu corpo e o seu sangue.”³¹

Outros relatos dos evangelhos revelam a amizade de Jesus oferecida em forma de refeição, cumprindo o que fora predito no antigo testamento, sendo ele mesmo aquele que toma a iniciativa do encontro. “Vinde comer!”³², diz aos discípulos à beira do lago, após a ressurreição. Aquela refeição gozava de uma presença especial, seu protagonista era o ressuscitado. O convite se torna irrecusável “[...] porque sabiam que era o Senhor.”³³ Ele é o autor da ação, sabe que fora enviado pelo Pai para isso.

Durante a última ceia “[...] levanta-se da mesa, depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois colocou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos.”³⁴ Principalmente na celebração eucarística pode-se sentir o Cristo oferecendo-se no pão e no vinho consagrados. É a ação litúrgica por excelência, na qual se pode perceber uma continuidade entre as refeições que fazia com os discípulos, pecadores e publicanos. “Esse homem recebe os pecadores e come com eles!”³⁵

Na liturgia, Cristo continua a exercer sua ação salvadora, continua a lavar os pés daqueles que o permitem. Ele pode ser experimentado por todos quantos se aproximam da liturgia, que é o principal meio para essa experiência. Experimentar, perceber e crer na sua presença. É inútil recorrer à liturgia se não for para deixar-se olhar e tocar por Jesus Cristo.³⁶ Também pode esmorecer naqueles que acorrem à liturgia o sentido de quem realmente proporciona e deseja tal celebração. Como se está muito

³⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 843, grifo nosso.

³¹ FERNANDEZ, 1990a, p. 251, grifo nosso.

³² Jo 21,12.

³³ Jo 21,12.

³⁴ Jo 13,4.

³⁵ Lc 15,2.

³⁶ MABIALA, 2007, p. 62.

habitado a enxergar a liturgia como ação humana apenas, não se tem consciência de quem está a guiar e proporcionar tal ação. “Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco”³⁷, disse o Senhor. Ele é o mais desejoso de sentar com os seus, anunciar-lhes as escrituras e repartir seu corpo e sangue e com eles fazer comunhão. Assim, ele dá-se a si mesmo, comunica sua própria vida.

1.1.3 Ação do Espírito Santo

É necessário que os acontecimentos salvíficos operados por Deus na história não sejam apenas fatos passados, sem efeitos para os dias de hoje. É preciso que a salvação conquistada por Cristo, mediante seu mistério pascal, seja oferecida aos homens e mulheres de todos os tempos e lugares. Cada pessoa pode, hoje, receber a salvação oferecida por Deus Pai, por intermédio de seu Filho Jesus Cristo. É necessário reforçar: *na liturgia Deus salva por seu Filho Jesus*. Nisso pode-se crer firmemente pois a liturgia também é obra do Espírito Santo. Lucas Maqueda confere ao Espírito Santo a missão de fazer viver a salvação na liturgia:

Na celebração litúrgica, Cristo aparece graças ao Espírito Santo. Este se encarrega de *trazer*, aqui e agora, o mistério da salvação. Toda a história, todas as maravilhas operadas por Deus, a morte e a ressurreição de Cristo, a salvação inteira, o passado e o futuro são revividos e atualizados na celebração, e tudo pela força e pelo poder do Espírito Santo.³⁸

Ele, o Espírito Santo, também ocupa, sem dúvida, um lugar primordial na ação litúrgica. O Pai é a fonte de toda benção, “[...] quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade.”³⁹ O Filho sendo fiel a esse desígnio, viveu a paixão, morte e ressurreição, garantindo a todos a vida eterna. E o Espírito Santo é o grande agente que faz acontecer a salvação e, também a seu modo, confere à celebração litúrgica a eficácia que lhe é própria. Maqueda não relativiza a ação do Espírito Santo, mas lhe outorga uma posição peculiar:

³⁷ Lc 22,15.

³⁸ MAQUEDA, Adolfo Lucas. **Espírito Santo e liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2020. p. 33, grifo do autor.

³⁹ 1Tm 2,3.

“O Espírito é o verdadeiro artífice [...] da celebração litúrgica.”⁴⁰ Graças a ele a liturgia deixa de ser unicamente um conjunto de ritos e expressões visíveis para ser verdadeiramente o mistério pascal acessível a todos.

Não há um transportar para um outro tempo histórico, mas aquele fato acontecido torna-se presente hoje. Pode-se viver o mistério pascal do Senhor, contemplar a crucificação e o sepulcro vazio, como sinal de sua ressurreição.⁴¹ Viver e celebrar o mistério pascal é aquilo de que o cristão necessita. Importa, antes, celebrar o que é de ordem espiritual e não se vê, mas que realmente produz frutos de santificação nos fiéis. É a ação do Espírito Santo que faz com que o mais importante seja aquilo que está oculto aos olhos, mas salva e faz mudar de vida. Se o Espírito Santo é o grande artífice, então aquilo que está relacionado ao espírito é o que conta.⁴²

O lugar fundamental que o Espírito Santo ocupa na liturgia, faz com que ela seja tida como culto de caráter eminentemente espiritual e experiencial. Uma ação que reclama verdade e autenticidade. A execução dos ritos por eles mesmos não tocam a pessoa em sua existência. É preciso criar as condições para que o Espírito se faça sentir naquilo que ele quer proporcionar. Fernandez reitera, nesse sentido, o motivo da reunião celebrativa: “[...] celebram-se os ritos do culto cristão [...] para *experimentar* as maravilhas do Espírito de Deus em meio a seu povo.”⁴³ O Espírito Santo cria nos corações as condições para bem celebrar a salvação, especialmente a condição de abertura, para acolher a graça oferecida na liturgia. “O Espírito socorre a nossa fraqueza. Pois não sabemos o que pedir como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós.”⁴⁴

A liturgia é obra da Santíssima Trindade. Entre as pessoas divinas não há confusão nas missões dentro da ação litúrgica. Não há anulação de um pelo outro. Pelo contrário. O Espírito Santo desempenha um papel peculiar. Assume o protagonismo junto com o Pai e o Filho, e proporciona que ambos salvem e santifiquem as pessoas na ação litúrgica. O Pai e o Filho buscam acolhida nos corações, abertura para distribuir a graça. Aí

⁴⁰ MAQUEDA, 2020, p. 33, grifo do autor.

⁴¹ TABORDA, Francisco. **O Memorial da Páscoa do Senhor**: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009. p. 71.

⁴² FERNANDEZ, 1990b, p. 261.

⁴³ FERNANDEZ, 1990b, p. 261, grifo nosso.

⁴⁴ Rm 8,26.

está, segundo Fernandez, uma das principais missões do Espírito Santo na liturgia: “[...] cria em nós o dom da acolhida de Cristo e do Pai.”⁴⁵

Não seria possível celebrar o encontro de Deus com seu povo sem a ação do Espírito Santo. Seja pelo auxílio prestado aos fiéis em abrirem-se para o mistério, seja pela atualização dos acontecimentos salvíficos ocorridos no passado. Não se poderia falar do protagonismo do Pai e da mediação do Filho sem a ação do Espírito Santo.⁴⁶

1.1.4 Oração, diálogo e encontro

Por sua própria natureza, a liturgia é um verdadeiro diálogo, uma comunicação, uma interação entre duas partes. O primeiro agente comunicador, já identificado, é o próprio Deus, tal como ele é, Pai, Filho e Espírito Santo. O outro agente é a assembleia reunida, cada fiel formando com os outros um único povo congregado.⁴⁷ A Constituição Litúrgica explicita como o diálogo acontece: “[...] na liturgia Deus fala ao seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração.”⁴⁸

É, objetivamente, a comunicação entre Deus e seu povo, entre Deus e cada fiel. Seria incompleto o conceito de liturgia se não fosse tratado dentro das categorias de diálogo, pois há alguém que deseja comunicar algo e outro que necessita receber e responder de alguma forma. Não se pode considerar a liturgia apenas como emissão de uma mensagem por parte de um agente, ou seja, apenas a ação de Deus. Tampouco pensá-la como um agente conversando consigo mesmo, como a assembleia falando dela e para ela, apenas.

⁴⁵ FERNANDEZ, 1990b, p. 262.

⁴⁶ FERNANDEZ, 1990b, p. 261.

⁴⁷ Isso faz com que a assembleia litúrgica também exerça, a seu modo, o protagonismo. Ela é o alvo principal da ação enquanto destinatária da mensagem de Deus. Só existe a comunicação enquanto há alguém que se faz receptor. Deus só pode comunicar sua salvação porquanto há aqueles que a recebem. (CRIVELLI, Jean C. Introdução. In: FONSECA, Joaquim (Org.). **Assembleia**: povo convocado pelo Senhor: em memória do padre Joseph Gelineau. São Paulo: Paulus, 2014. p. 11).

⁴⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 47; SC 33.

Não há dúvidas de que o *diálogo* é a melhor categoria que a reforma litúrgica encontrou para explicar a liturgia.⁴⁹ Esse diálogo se dá de muitas formas, como aponta Bernardo García:

[...] há palavras do celebrante e respostas da multidão, convites do diácono para a oração, cantos do coro nos quais também participa o povo fiel; ouve-se a voz do leitor, etc.; é um diálogo completo.⁵⁰

Todas essas formas de diálogo durante a ação litúrgica não querem significar outra coisa senão a comunicação de Deus com a assembleia reunida, e desta com Deus. Para tanto, essas formas dialogais devem ser conduzidas de tal forma que se faça sentir que Deus de fato dialoga com os seus; e que cada fiel também lhe possa acolher e lhe dirigir uma resposta. Pois para isso Deus criou cada homem e mulher, para lhe transmitir seu amor, dirigindo-se diretamente a eles, a fim de salvá-los.⁵¹

Se a liturgia é diálogo, é também oração. Antes de ser um ato de proferir textos, a oração em si é *encontro*. Não há verdadeira oração se não há encontro. E o encontro necessário é aquele entre Deus e cada pessoa. Homem e mulher foram criados para esse encontro fundamental. Na liturgia ele acontece de maneira eminente. A celebração eucarística, especialmente, é a oração mais perfeita, é o encontro mais perfeito. Pois verdadeiramente o Senhor se deixa encontrar, através de sua Palavra e do seu corpo e sangue.⁵²

A liturgia se apresenta como garantia da experiência com Deus, à qual pode-se dirigir com a certeza de que nela está o Senhor a distribuir sua graça, à medida da abertura de cada pessoa. Para tanto, cabe a cada

⁴⁹ MALDONADO, Luis. Como se celebra: estruturas e leis da celebração. In: BOROBIO, Dionisio (Org.). **A Celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990. p.182-187. p. cit. 184.

⁵⁰ “[...] hay palabras del celebrante y respuestas de la multitud, invitaciones del diácono a la oración, cantos del coro en los que participa también el pueblo fiel; se oye la voz del lector, etc.; es un diálogo completo.” (GARCÍA, Bernardo. Silencio y Liturgia. **Cuadernos Monásticos**. [s.l.] v. 41, p. 167-176, 1977. Disponível em:

<https://www.surco.org/sites/default/files/cuadmon/disponible_disponible-forma-gratuita/cuadernos-monasticos-41-2339.pdf>. Acesso em 11 ago. 2020. não paginado, tradução nossa).

⁵¹ FERNANDEZ, 1990a, p. 251.

⁵² FRANCISCO, Papa. **A Santa Missa**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 13.

fiel e a assembleia reunida cercarem-se de todos os meios dispostos e pôlos em prática, a fim de viver da melhor forma possível esse encontro.⁵³

1.1.5 Principal fonte de espiritualidade

Cada fiel cristão é exortado a alimentar sua vida espiritual, isto é, fazer crescer sua relação com Deus. Pode fazer isso de muitas formas, por meio de numerosos caminhos reconhecidos pela Igreja como verdadeiras práticas de crescimento espiritual, vivência da fé e caminho de santificação.⁵⁴ Mas é a liturgia que goza do primeiro lugar dentre todas as práticas para fomentar a vida espiritual. Nada se sobrepõe a ela. É a principal ação da Igreja. A Constituição conciliar concede à liturgia esse lugar proeminente: “[...] ela é a *primeira e necessária fonte*, da qual os fiéis podem haurir o espírito genuinamente cristão.”⁵⁵

Por certo há de se considerá-la primeira e necessária fonte, pois nela o próprio Deus se relaciona com seu povo e concede sua salvação. Não há nada que supere a ação litúrgica pois não há nada maior do que o encontro com Deus. Não há nada mais do que os homens e mulheres necessitem do que terem aplicados em suas próprias vidas o mistério pascal do Senhor.

A celebração eucarística goza de um lugar especial nessa consideração. É especial memorial do sacrifício redentor de Jesus Cristo, mistério pascal dado por ele à sua Igreja para que em todos fosse operada a salvação.⁵⁶ É necessário que sejam devidamente instruídos os fiéis e todos aqueles que exercem função litúrgica, a fazer dessa celebração uma verdadeira fonte de graça e salvação. Romano Guardini acena para a tomada de consciência ante a celebração eucarística, para não torná-la um evento corriqueiro: “Quando participamos da Missa, o que importa é *reconhecer que estamos então mesmo à beira do manancial da Graça.*”⁵⁷ É preciso ir à liturgia com o verdadeiro reconhecimento de que se está buscando o essencial, a melhor parte pela qual se pode optar.

Ela, a liturgia, deseja fazer crescer o espírito cristão, o espírito de Cristo em cada fiel; porquanto faz com que cada celebrante seja enxertado

⁵³ SANZ, 2011, p. 349.

⁵⁴ Presentes nos números 12 e 13 da Constituição *Sacrosanctum Concilium*.

⁵⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 41; SC 14, grifo nosso.

⁵⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 53; SC 47.

⁵⁷ GUARDINI, Romano. **O Espírito da Liturgia**. 2. ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017. p. 94, grifo nosso.

no Cristo. Uma vez enxertado no Cristo, o fiel não pode desejar da liturgia outra coisa a não ser o encontro com o Pai, apresentar-se em oferecimento junto com o Cristo que se oferece.⁵⁸ Assim se dá a salvação do ser humano, à medida em que se abre para a vontade do Pai, unido à Jesus. Na liturgia está a fonte dessa salvação, fonte primeira da espiritualidade verdadeiramente cristã, podendo cada fiel aproximar-se dela confiante e alegre. “Com alegria tirareis água das fontes da salvação.”⁵⁹

1.1.6 Pausa restauradora⁶⁰

A liturgia, como já evidenciado, é encontro com Deus, lugar da real presença de Jesus Cristo e da ação do Espírito Santo. É comunicação do sagrado e com o sagrado. Pretende favorecer o encontro de um com o outro, de Deus com seu povo e do povo com seu Deus. Por essa sua natureza, precisa assumir características que colaborem para esse fim. Precisa lançar mão de meios pelos quais se facilitará o diálogo com Deus, que manifestem que aquela ação é manifestação do mesmo Deus, diferenciando-se fundamentalmente de outras quaisquer ações.

Antes de tudo, a liturgia precisa assumir um estilo sereno, de calma e tranquilidade. Leomar Brustolin e Tiago Gomes reforçam: “Uma liturgia simbólica, encarnada, *orante e meditativa* é um ideal a ser buscado a fim de que a comunicação do sagrado se efetive na liturgia.”⁶¹ Não é o estilo orante e meditativo que determinará o acontecer do encontro com Deus e a comunicação da graça; mas é altamente desejável que isso se faça sentir também no aspecto sensível, a fim de lançar as condições básicas para a manifestação do sagrado.

Não se pode deixar de mencionar a grande busca por parte dos fiéis pelo rito pré-conciliar da celebração eucarística, comumente chamado de

⁵⁸ GUARDINI, 2017, p. 98.

⁵⁹ Is 12,3.

⁶⁰ “Pausa restauradora na caminhada rumo ao céu”, é uma forma de se referir à celebração eucarística, adotada por uma das fórmulas pela qual o sacerdote convoca a assembleia à oração, após a apresentação dos dons. (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 404).

⁶¹ BRUSTOLIN, Leomar A.; GOMES, Tiago de F. A comunicação do sagrado na liturgia. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, ano 25, n. 90, p. 325-346, jul/dez 2017. p. 328, grifo nosso. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i90.32600>>.

Acesso em: 12 ago. 2020.

rito tridentino. Alegam perceber no atual rito um desvio, sobretudo no quesito mística e oração. A reforma litúrgica aproximou a liturgia dos fiéis através da renovação dos ritos; mas houve notório desvio, não na reforma em si, mas no modo de executá-la, tal como exige a natureza da liturgia.⁶² Ainda se verifica uma liturgia em formatos de espetáculo, de agitação, com a única finalidade de atrair *público* e não *fiéis*. Trata-se de uma falta de atenção para, não só aquilo que a liturgia se propõe a ser, mas também para com aquilo que os fiéis realmente buscam. Brustolin e Gomes reconhecem como deve ser a ação litúrgica, indo ao encontro das necessidades dos fiéis:

Alguns querem encontrar uma atmosfera mais orante e mais meditativa na liturgia, uma celebração mais espiritual e menos convival. Mais contemplativa e menos festiva. Menos palavras e mais Palavra.⁶³

A liturgia é oração e deve favorecer a oração, apontar e conduzir para o que realmente conta. “A minha casa será chamada casa de oração”⁶⁴, e oração é encontro com Deus. Essa oração, esse encontro, precisam adotar características próprias, diferentes daquelas que se encontram em outros ambientes com outras finalidades. Quando se trata da comunicação com Deus, sabe-se, objetivamente, que esse contato não se busca em meio ao barulho, agitação e euforia. Há uma forma básica elementar, já identificada no encontro entre Deus e o profeta Elias: “[...] e depois do terremoto um fogo, mas o Senhor não estava no fogo; e depois do fogo o murmúrio de uma brisa suave.”⁶⁵ Deus estava na brisa suave e silenciosa, e não em outros elementos fragorosos.

Não se pode usurpar dos fiéis o direito de fazer essa experiência de suavidade e de paz. Muitos dos que acorrem à missa dominical, por exemplo, só trazem consigo o desejo de um momento de oração serena e restauradora, após o fragor da rotina semanal, tão marcada pela agitação e inquietação. Muitos, podendo celebrar a liturgia apenas uma vez durante a semana, só desejam aliviar o seu fardo, ter um momento de descanso e tranquilidade, na presença do Deus em que creem. Estes verdadeiramente

⁶² BRUSTOLIN; GOMES, 2017, p. 327.

⁶³ BRUSTOLIN; GOMES, 2017, p. 342.

⁶⁴ Is 56,7.

⁶⁵ 1Rs 19,12.

entendem o real significado da ação litúrgica e o que nela deve-se buscar.⁶⁶

Seria atribuir um fardo a mais aos fiéis se deles se exigisse um demasiado e desmesurado agir, apenas fazer coisas na ação litúrgica. Não estão ali para isso. Do mesmo modo não se daria aos fiéis uma oportunidade de repousar e apaziguarem-se naquele breve tempo no qual decorre a celebração. A liturgia, como reforça Fernandez, “[...] não é um esforço, mas um descanso.”⁶⁷

Até o momento buscou-se evidenciar aspectos inegociáveis da liturgia, sua natureza, o que nela acontece, quem nela está presente e atua, que estilos deve assumir, como deve acontecer. São fatores basilares, fundamentais que, por sua vez, hão de nortear os demais elementos. Toda discussão litúrgica deve partir dessas noções primárias.

Percebe-se, no assunto liturgia, uma constante instabilidade e insegurança, com relação às formas, elementos visíveis, normas e rubricas e a arte de celebrar. A raiz de toda instabilidade reside no fato de não se dar atenção ao que realmente merece atenção. A liturgia precisa ser tratada em sua dimensão mais profunda, o fator invisível que precisa ser adequadamente manifesto no visível. A salvação operada por meio de ritos e orações.⁶⁸

1.2 PARTICIPAÇÃO DOS FIÉIS

Feito o resgate geral da natureza da liturgia, outra abordagem se faz necessária: a participação dos fiéis nessa mesma ação. Talvez venha a ser a principal consequência das primeiras considerações aqui expostas. Uma vez identificado que obra acontece na liturgia e quem é ou quem são seus grandes protagonistas, não se considera nada mais importante do que a necessidade da participação naquilo que se celebra. Ou seja, como fazer com que a liturgia toque de fato a existência da assembleia que se reúne.

Mas não se pode partir do princípio de que o termo *participação* já tenha atingido um entendimento unânime quanto ao seu significado mais profundo. O mesmo termo ainda é alvo de considerações reducionistas, por consequência limitando a grande contribuição que pretende trazer ao âmbito litúrgico. É necessário, portanto, resgatar a *participação* como algo intrínseco à liturgia, condição sem a qual a própria liturgia não pode atingir sua finalidade.

⁶⁶ GUARDINI, 2017, p. 82.

⁶⁷ FERNANDEZ, 1990b, p. 267.

⁶⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 53; SC 48.

A Constituição Litúrgica conciliar não deixou de vincular a *participação* com a natureza da liturgia. Evidencia que, sendo a liturgia tão grande obra, só se pode desejar que essa obra não seja em vão, mas aconteça na vida dos celebrantes: “É desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a *própria natureza da liturgia exige* e à qual o povo cristão [...] tem direito e obrigação, por força do batismo.”⁶⁹

É exigência da própria natureza da liturgia. O Deus que vai ao encontro do ser humano quer de fato encontrá-lo, precisa ser acolhido. Jesus Cristo, que convida à sua mesa, principalmente os pecadores, quer falar do Pai e, unindo-se aos seus, quer dirigir-se ao Pai em oração e louvor. Ele também espera que se sentem com ele e comam do seu pão partilhado. O Espírito Santo, que com sua ação faz acontecer a salvação aqui e agora, necessita de corações que acolham sua voz e suas inspirações. Ou se participa da liturgia ou ela se torna uma via de mão única, onde Deus não encontra disponibilidade e resposta. A mesma Constituição fala da graça divina largamente disponível; Deus a quer conceder. É preciso que todos se disponham a recebê-la.⁷⁰

O próprio termo *participação* indica não apenas uma realidade exterior, uma ação concretamente realizada. Mas já indica algo mais profundo e verdadeiro. Reginaldo Marcolino utiliza-se de expressões-chave para explicitar o real significado de participação: “Na liturgia, usamos a ideia de participação significando o *ter relacionamento com, compartilhar, ter comunhão* (no sentido de relação).”⁷¹ É envolver-se verdadeiramente naquilo que está acontecendo, deixar-se influenciar pela realidade celebrada. Requer muito mais uma atitude interior do que exterior. Trata-se de uma disposição que parte do interior de cada um, para depois ser refletida em gestos, palavras, orações e cantos. “[...] abre a boca e eu a enchei.”⁷² Deus quer entrar em comunhão com seu povo e a participação é a resposta e a abertura concedida pelo povo.

⁶⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 41; SC 14, grifo nosso.

⁷⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 40; SC 11.

⁷¹ MARCOLINO, Reginaldo. O Concílio Vaticano II e a redescoberta da participação ativa dos fiéis na liturgia. **Contemplação**: revista acadêmica de filosofia e teologia da faculdade João Paulo II. Passo Fundo, ano 11, ed. especial, p. 1-14, 2015. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/73>>. Acesso em 21 ago. 2020. p. 2, grifo do autor.

⁷² SI 81(80),11.

A Constituição Litúrgica vinculou a necessidade de participação não somente à natureza da própria liturgia, mas também resgatou o batismo recebido por cada fiel. Pode ser esse o sentido primeiro e mais profundo da participação na liturgia, como esclarece Marcolino: “[...] a fonte da participação é o sacerdócio comum dos fiéis (adquirido no batismo), onde todos são constituídos herdeiros da graça, a qual torna-os sujeitos na celebração eucarística.”⁷³

O batismo os fez herdeiros da graça salvífica. Sendo essa graça salvífica celebrada e disponível a todos de forma admirável na liturgia, a participação se torna um caminho indispensável. Maqueda salienta: “Se a liturgia é entendida como manifestação e presença do mistério de Cristo, a *participação* converte-se em uma dimensão constitutiva da liturgia.”⁷⁴ Não tomar parte na ação litúrgica é o mesmo que ficar alheio à graça, excluir-se da salvação oferecida por Deus. Tamanho é o dom oferecido que naturalmente exige-se acolhida, para que se estabeleça o diálogo de amor proposto para aqueles que celebram a liturgia.⁷⁵

1.2.1 Culto espiritual

Constatou-se que na liturgia atua o Espírito Santo. Atualiza a salvação na celebração, fazendo com que a liturgia não seja apenas lembrança de um acontecimento passado. Sua atuação também faz da liturgia um ato autêntico, que requer engajamento por parte dos fiéis, para que a verdade da celebração se torne verdade também no fiel celebrante e em toda a assembleia. Maqueda reforça a atuação do Espírito Santo, primeiro naquilo que é concedido aos celebrantes: “Em sua dimensão *descendente*, a liturgia é *comunicação do Espírito Santo*.”⁷⁶

O Espírito Santo se dá aos fiéis, fazendo da liturgia um fato espiritual, principalmente. Não fosse sua atuação, não se poderia afirmar a dimensão espiritual do culto cristão. Mas sim, é um fato espiritual. Para o mesmo autor, isso é determinante, sobretudo quando se fala em participação: “Isto exige do fiel uma participação íntima e ativa, a qual se realiza *na, com e por meio da* celebração, lugar onde o mistério se atualiza, se perpetua e se torna presente.”⁷⁷

⁷³ MARCOLINO, 2015, p. 4.

⁷⁴ MAQUEDA, 2020, p. 82, grifo do autor.

⁷⁵ FERNANDEZ, 1990b, p. 260.

⁷⁶ MAQUEDA, 2020, p. 34, grifo do autor.

⁷⁷ MAQUEDA, 2020, p. 35, grifo do autor.

A liturgia também apresenta sua dimensão ascendente, movimento da assembleia em direção a Deus. Ao dom recebido deve-se responder da melhor forma possível. Essa resposta deve ser espiritual e verdadeira. A santificação dos fiéis é a grande finalidade da liturgia, como já exposto. No entanto, por força da dimensão dialogal, o movimento de acolhida e resposta precisa acontecer. Essa resposta verdadeira, segundo Maqueda, também é o que se busca com a ação litúrgica: “Em sua *dimensão ascendente*, a liturgia é a *vida que culmina na celebração para que o mistério alcance sua finalidade última*, a de render culto em espírito e verdade.”⁷⁸

A participação está para o que a liturgia quer proporcionar aos que a celebram. De todos se requer um esforço para adentrar de fato no culto, acolher o dom e dar uma resposta gratuita. Essa resposta não se trata de um objeto ou um assentimento formal, mas é um ofertar a própria existência. Essas dimensões do culto cristão precisam ser resgatadas: a espiritualidade, espontaneidade e o fator experiencial.⁷⁹

1.2.2 Participação ativa

A reforma litúrgica atribuiu qualificações à participação na liturgia, como já mencionado. Precisa ser plena, ativa e consciente. No entanto, vale ampliar a noção da expressão *ativa*, para que não seja incoerente com o autêntico significado de participação, nem priorize uma dimensão anulando a outra. É preciso levar em consideração a pessoa integral, em sua dimensão corporal e espiritual. São com pessoas concretas que Deus quer estabelecer diálogo.

O aspecto *ativo* da participação denota certamente a *ação* que devem realizar os fiéis, tal como exortou a Constituição litúrgica: “Para promover a participação ativa, cuide-se de incentivar as aclamações dos fiéis, as respostas, a salmodia, as antífonas, os cânticos, bem como as ações, gestos e atitudes.”⁸⁰ É um verdadeiro agir, pôr-se em movimento, esforçar-se em corresponder ativamente com o que é proposto.⁸¹ Porém,

⁷⁸ MAQUEDA, 2020, p. 35, grifos do autor.

⁷⁹ FERNANDEZ, 1990b, p. 261.

⁸⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 46; SC 30.

⁸¹ Isso vai ao encontro da dimensão dialógica da liturgia, do diálogo que deve acontecer. É o modo como a própria liturgia acontece, sendo os diálogos concretos que acontecem na cerimônia sinais do diálogo entre Deus e o povo. Esses sinais devem ser amplamente incentivados na ação litúrgica. (MARCOLINO, 2015, p. 6).

essa participação por meio das aclamações, respostas, ações, gestos e atitudes é incompleta se não for acompanhada e precedida de uma participação interior, como bem explica Marcolino:

Para não se cair no extremo de pensar em participação ativa como simples sinônimo de ativismo ou ação puramente exterior, o Concílio Vaticano II insiste que a participação deve ser antes de tudo *interior e espiritual*, da qual a participação externa é sinal e reflexo.⁸²

Possível concluir que a participação na liturgia não pode ser considerada apenas nos seus atos funcionais. Tampouco limitá-la àqueles que estão encarregados de uma função específica ou possuem o sacramento da ordem. Assim, se cometeria uma extrema redução acerca daqueles que celebram o mistério de fato. Quem não desempenha uma função litúrgica, quem não intervém diretamente na celebração com uma leitura, comentário, canto ou movimento, também pode e está participando ativamente da celebração.⁸³

O critério de verdadeira participação está naquilo que se refere à intimidade com Deus, ao diálogo interior que cada um consegue estabelecer.⁸⁴ Decorre daí que todos os fiéis que participam da liturgia precisam viver o mistério. Surge, então, a tarefa de tudo cooperar para isso. Desde os músicos e cantores até o presidente, com sua arte de presidir. A chamada *equipe celebrativa* não é a que mais participa da liturgia, mas aquela que tem a maior missão: levar todos à participação desejada.⁸⁵

Pode-se afirmar que os elementos exteriores, que a Constituição Litúrgica recomendou, já são postos em prática. Já se busca incentivar a assembleia para o canto, para as aclamações, respostas, gestos e atitudes corporais. Esse incentivo é desmedido em certas ocasiões. Chega-se ao ponto de conferir à assembleia partes rituais que não lhe são próprias,

⁸² MARCOLINO, 2015, p. 5, grifo nosso.

⁸³ A Oração Eucarística I aponta para essa realidade quando afirma que todos os que constituem assembleia, cada um a seu modo, prestam verdadeiro culto a Deus. “Eles vos oferecem conosco este sacrifício de louvor por si e por todos os seus, e elevam a vós as suas preces.” (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 470).

⁸⁴ MAQUEDA, 2020, p. 82.

⁸⁵ MARCOLINO, 2015, p. 4, grifo nosso.

solicitando-lhe gestos descabidos, que mais trazem desprazer do que alegria espiritual. Eis, pois, a tarefa da educação litúrgica, segundo Guardini: a assembleia necessita ser instruída a “não querer sempre fazer alguma coisa, alcançar alguma coisa, cumprir alguma coisa de útil.”⁸⁶

Ainda que se opte em envolver mais a assembleia, fazendo com que intervenham mais, nem assim se atingiria a participação desejada. Falar por falar não causa reflexão. Também no que se refere às palavras que escutam. As orações que o presidente da celebração profere, por exemplo, não são dele somente. É oração de toda a assembleia reunida. Por isso recomenda Marcolino: “Os fiéis devem conformar a mente às palavras que *pronunciam e escutam*, só assim estarão cooperando com a graça divina.”⁸⁷

São muitas as orações e palavras às quais o povo não empresta sua voz. É imprescindível que os fiéis sejam educados para fazerem suas aquelas orações que são por vezes recitadas por um único membro da assembleia. Sim, porque quando um único membro da assembleia desempenha uma função, ele o faz em nome de todos os demais.⁸⁸

Com isso, não se quer reduzir a liturgia a um espiritualismo. Talvez a tarefa na atual circunstância é trazer a reflexão e a prática para um justo equilíbrio. Não se optará por transformar a liturgia num ato individual ao extremo, deixando que cada pessoa encontre seu modo de participar. Mas é urgente a mudança para uma prática que favoreça a interiorização. Maqueda também postula o equilíbrio entre as dimensões:

[...] não se deve pôr toda a ênfase na *participação ativa* entendida a partir da interioridade; [...] A *participação* apoia-se nos gestos, cantos, orações, rubricas, no rito. A interioridade sozinha é estranha à ação litúrgica. O ideal seria estabelecer um equilíbrio entre o interno e o externo.⁸⁹

A reforma litúrgica apresentou outras características da participação, justamente para complementar o sentido de participação ativa. A participação deve ser consciente, por saber o que se está celebrando. Deve ser interna, significando que deve envolver sobretudo

⁸⁶ GUARDINI, 2017, p. 79.

⁸⁷ MARCOLINO, 2015, p. 5, grifo nosso.

⁸⁸ GELINEAU, Joseph. **Os cantos da missa**: no seu enraizamento ritual. São Paulo: Paulus, 2013. p. 36.

⁸⁹ MAQUEDA, 2020, p. 83, grifos do autor.

o interior do fiel, sua intimidade. Externa, para que manifeste exteriormente aquilo que está acontecendo no seu coração. Frutuosa, para que a graça alcançada na liturgia se faça sentir em toda a vida do fiel. Por fim, deve ser plena, que nada seja desconsiderado. Que não se menospreze e descuide-se de todas as dimensões da pessoa, corporal e espiritual.⁹⁰

Nesse sentido, tudo se deve fazer para não impedir ou atrapalhar a participação. Identificar e pôr em prática todos os meios conhecidos, a fim de proporcionar a todos os fiéis celebrarem verdadeiramente os sagrados mistérios. Identificado o espírito da liturgia, a dimensão de participação obrigatoriamente se lhe acompanha. A adequada compreensão do que é a liturgia, e a também adequada compreensão do que é participação, hão de garantir também a correta relação entre ambas; refletindo, por sua vez, em um adequado agir litúrgico.

⁹⁰ URDEIX, Josep. ¿Es posible hablar de un *ars participandi* referido a la liturgia? **Phase**: revista de pastoral litúrgica, Barcelona, ano 50, n. 299, p. 367-396, 2010. p. 378.

2 O SILÊNCIO E A LITURGIA

Após ampliar a noção de liturgia na sua essência, pode-se dar um passo a mais. O que foi visto anteriormente pode e deve ser utilizado como base para se tratar de elementos, agora sim, mais palpáveis e perceptíveis dentro da ação litúrgica. Nada que há na liturgia se justifica por si mesmo se não na própria liturgia, no seu sentido mais profundo, como visto nas considerações anteriores.

É preciso tratar da natureza da liturgia com todos os que se envolvem com ela: os fiéis que constituem a assembleia celebrante, o ministro que preside, o acólito, o leitor, o salmista, o cantor, o instrumentista, enfim, todos, sem exceção. Todos com suas ações, comuns ou particulares, estão destinados a atingirem aquele fim último que pretende a liturgia e fazê-lo transparecer por suas ações. E uma dessas ações litúrgicas é o silêncio.

Não se há de expor o silêncio, neste itinerário, desvinculado de sua razão de existir. Há de se falar dele sobretudo em relação com os pontos já elencados anteriormente, acerca da natureza da liturgia. Mas não só. Considerações primordiais referem-se ao silêncio nas sagradas escrituras. É elemento de particular importância já na história da salvação, no relacionamento entre Deus e seu povo. Logo, elemento fundamental na vida litúrgica, como há de se verificar. Deus convocou seu povo para, antes de tudo, estar em sua presença; à presença silenciosa de Deus, também o povo silencia. O povo eleito também foi conclamado a escutar a voz de Deus, só podendo cultivar essa atitude com a prática do silêncio.

Não foi atitude diferente a do Filho, Jesus Cristo, sendo o grande modelo de silêncio em vista da união com Deus Pai. Age também de maneira silenciosa e do silêncio necessita o Espírito Santo. Também o silêncio é elemento importante para que a liturgia possa proporcionar calma e repouso, para uma melhor vivência das celebrações, sobretudo nas circunstâncias atuais; também essa característica está em sintonia com o espírito da liturgia. Destaca-se, por fim, a indispensável contribuição do silêncio para a participação ativa e frutuosa na liturgia, sem, contudo, torna-lo elemento absoluto nesse aspecto; mas trazendo equilíbrio necessário entre participação interior e exterior.

2.1 O SILÊNCIO NAS SAGRADAS ESCRITURAS

É na história da salvação que se encontra inspiração para a marcha rumo a Deus. As atitudes, os gestos, tanto de Deus para com o povo, como do povo para com Deus, sempre nortearam os homens e mulheres

desejosos de encontrá-lo. As sagradas escrituras são fonte segura, hoje e sempre, para inspirar a vida de fé. Se a liturgia torna presente no hoje da história a salvação oferecida por Deus, deve buscar nas sagradas escrituras a inspiração. Pois elas narram as maravilhas desse encontro entre Deus e o ser humano.

Se há silêncio na liturgia, é porque houve silêncio na bíblia, como evidencia Pascal Desthieux: “As origens do silêncio religioso e litúrgico devem ser procuradas igualmente, e até com prioridade [...] na Bíblia que é um elemento estrutural da liturgia cristã.”⁹¹ Se o silêncio é elemento importante na ação litúrgica, é porque também foi para o homem e a mulher bíblicos. Não tinham outro objetivo senão encontrar Deus e serem encontrados por Ele. Por isso, liturgia e sagradas escrituras não podem ser dissociadas, pois ambas participam e tendem ao mesmo fim.

Faz parte da própria dinâmica da revelação de Deus o silêncio, como se vê na história da salvação. Ao considerar apenas sua comunicação diretamente perceptível, têm-se uma visão reduzida sobre a maneira de Deus agir e se comunicar. Assim, seria alimentada uma visão de um Deus que não é a apontada pela bíblia. Silvio Báez fornece uma ligeira síntese de como Deus outrora se revelou e como se revela hoje: “[...] o Deus bíblico não é apenas palavra, linguagem, evidência. É também ocultação e ausência.”⁹² Assim, as sagradas escrituras se fazem uma escola de como encontrar Deus e ser encontrado por Ele. Nem apenas palavras, nem apenas visões, nem apenas eventos prodigiosos, mas também silêncio. Silêncio, frisando desde já, de Deus, como uma forma de manifestar-se, e do ser humano, como condição indispensável na busca de Deus.

A história da salvação narrada nas sagradas escrituras está repleta de silêncio porque é um diálogo. Deus, as mulheres e os homens são os que empreendem a comunicação mútua. Assim, o silêncio se faz presente e necessário porque palavras precisam ser ouvidas, a presença precisa ser percebida, acontecimentos precisam ser refletidos e meditados.

⁹¹ “Les origines du silence religieux et liturgique sont à chercher également, et même prioritairement [...] dans la Bible qui est un élément structurel de la liturgie chrétienne.” (DESTHIEUX, Pascal. **Le silence dans la célébration de l’Eucharistie**: Une étude et une analyse des documents liturgiques d’après le concile Vatican II. 304 p. Tese (Doutorado) – Curso de Teologia, Universidade Católica de Louvain, Bélgica e Universidade de Friburgo, Suíça, 2014. p. 23. tradução nossa).

⁹² BÁEZ, Silvio J. **Quando tudo se cala**: O silêncio na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 18.

Um adequado olhar sobre a história da salvação não pode desconsiderar o silêncio como elemento determinante. Deus e o ser humano fazem silêncio pois são os protagonistas do diálogo salvífico. O silêncio é a atitude de ambos. Deus fala e o ser humano precisará fazer silêncio para escutar e meditar sua palavra. Deus se utilizará do silêncio para se fazer presente e não será em meio ao barulho que o ser humano gozará dessa presença. Enfim, o silêncio permeará esse diálogo.⁹³ Com alguns exemplos, primeiramente do antigo testamento, há de se perceber como o silêncio está muito presente nos relatos bíblicos.

O profeta Habacuc indica uma das principais atitudes que se deve guardar diante da presença de Deus: “[...] o Senhor está em seu Santuário sagrado: Silêncio em sua presença.”⁹⁴ O profeta parece confessar que não se deve ter muitas pretensões diante da grandiosa presença de Deus. É o altíssimo e onipotente diante do ser humano, sua frágil criatura. É um silêncio de respeito e profunda veneração, mas não de medo. Busca-se Deus e não o silêncio em si. Palavras certamente serão utilizadas. Mas o silêncio é um gesto costumeiro e quase que inegociável ao se tratar da presença de Deus. Segundo Báez, nas sagradas escrituras

[...] não faltam experiências em que o orante vive a própria relação pessoal com Deus sem fazer ouvir a própria voz [...]. A oração implica, sempre e juntamente, duas dimensões: falar com Deus e estar silenciosamente diante dele. Ambas são essenciais.⁹⁵

Noutro exemplo, Moisés e Aarão, na tentativa de apresentarem incenso ao Senhor, são surpreendidos pela intervenção divina. Aarão apenas guarda silêncio à palavra proferida por Deus pela boca de Moisés: “Àqueles que se aproximam de mim, mostro a minha santidade, e diante de todo o povo mostro a minha glória. Aarão permaneceu calado.”⁹⁶ Silêncio de espanto e quase que involuntário é o silêncio de Aarão, porém não de menor valor frente àquele silêncio voluntário e consciente. Não deixa de educar e instruir positivamente os que não sabem como agir diante do mistério. Outros textos bíblicos desempenham um papel

⁹³ BÁEZ, 2010, p. 18.

⁹⁴ Hab 2,20.

⁹⁵ BÁEZ, 2010, p. 93.

⁹⁶ Lv 10,3b.

exortativo, ao silêncio ou à diminuição das palavras. “Silêncio diante do Senhor”⁹⁷; “Mesmo o estulto, quando se cala, passa por sábio.”⁹⁸

No novo testamento, será o próprio Jesus Cristo o modelo por excelência. Ele busca o Pai em lugares retirados e desertos, faz silêncio e convida ao silêncio, sobretudo para escutar sua palavra. As passagens bíblicas em questão serão apontadas quando, em seguida, se tratar do silêncio de Jesus Cristo. Por fim, o silêncio na bíblia permeará as considerações que se seguem, quanto ao silêncio na liturgia. Merecedor de uma vasta reflexão à parte, o silêncio nas sagradas escrituras servirá, daqui em diante, como base sólida e inspiração do agir litúrgico.

2.2 SILÊNCIO E EXPERIÊNCIA DE DEUS NA LITURGIA

A liturgia é obra de Deus, sua ação mesma em favor do ser humano. Do ponto de vista descendente, não se conhece outra dimensão senão a atitude de Deus de ir ao encontro do seu povo reunido. Portanto, é necessário refletir como o mesmo Deus é, como se manifesta. Revela-se tão somente por grandes manifestações? Somente se dá a conhecer por aquilo que se vê ou se ouve? Também. Mas possui formas de se revelar insondáveis ao ser humano, de modo que se pode fazer sentir tão somente no silêncio.

Fundamental, também, é perceber como Jesus de Nazaré se relacionava com o Pai. Ele, o Filho, continua na liturgia aquilo que fazia em sua vida terrena: dirigindo-se ao Pai e do Pai haurindo a vida para aqueles que se unem a ele em prece. O Espírito Santo a ambos revela e a eles quer conduzir, ao Pai e ao Filho. Assim, já em perspectiva teológico-litúrgica, deseja-se perceber a importância do silêncio para as três pessoas divinas e para o relacionamento do ser humano com cada uma.

2.2.1 Silêncio de Deus Pai

Na intenção de relacionar-se com Deus o silêncio é imprescindível, quase que inegociável. Antes de tudo, cabe saber que sua manifestação também se dá através do silêncio e ocultação. Também necessário ressaltar que é na atitude silenciosa que, de modo especial, se lhe concede abertura e possibilidade de ação. Quanto ao comportamento divino, Báez

⁹⁷ So 1,7.

⁹⁸ Pr 17,28.

é enfático: “O próprio Deus é silêncio.”⁹⁹ Ousa o autor em vincular o silêncio com o modo de ser de Deus. E continua:

Numa excelente perspectiva teológica, o silêncio constitui uma rica metáfora da transcendência e do mistério de Deus. O Deus vivo se revela como mistério de amor e de vida através da palavra que o manifesta e do silêncio que, paradoxalmente, o oculta. [...] Deus se revela retraindo-se; torna-se presente enviando-nos à ausência.¹⁰⁰

Pode-se, partindo dessa ideia, fazer a experiência de Deus no que se ouve, no que se manifesta, e no que se oculta. Parece não ser absoluto, e de fato não é, o fator silêncio para isso. Ele não é único, sobretudo se se está falando de liturgia, que é ação, movimento e palavra. Mas não somente. Está claro que é necessário saber transitar entre os diversos comportamentos. Isso porque trata-se de um Deus que irrompe na história, toca o tempo e precisa ir ao encontro do homem e da mulher, de modo que o possam sentir. Deus tocou o nosso jeito de viver. Por isso existe uma alternância no comportamento de Deus para com o ser humano. Fala e cala. Revela-se ao mostrar-se e também ao ocultar-se.¹⁰¹ Importante recordar a experiência do profeta Elias que percebeu a presença de Deus no silêncio da brisa suave.¹⁰²

Talvez faça parte da delicadeza do próprio Deus, com vistas ao encontro com o ser humano. Um Deus que não quer assustar mas se mostra como amigo¹⁰³, só encontra a alternativa de aproximar-se silenciosamente, sutilmente. “Elias [...] escuta agora *uma voz de silêncio sutil*, que revela a presença de um Deus que não se impõe com a força da evidência [...] mas se revela de forma discreta e silenciosa.”¹⁰⁴ Uma liturgia demasiadamente ruidosa esconde essa verdade, a verdade de que Deus parece preferir revelar-se de maneira sutil. Vê-se como pode ser prejudicial a busca de uma liturgia que vive a modo de espetáculo, de exaltação e de muitos ruídos. Quando na verdade se deveria primar por

⁹⁹ BÁEZ, 2010, p. 117.

¹⁰⁰ BÁEZ, 2010, p. 117.

¹⁰¹ DESTHIEUX, 2014, p. 25.

¹⁰² Verificar nota 65.

¹⁰³ Ex 33,11.

¹⁰⁴ BÁEZ, 2010, p. 125, grifo do autor.

uma liturgia que não agredisse os ouvidos, que valorizasse a interioridade, a meditação, o silêncio.¹⁰⁵

O que certamente conta, dada a presença de Deus na liturgia, é estar disponível à essa presença. Não é o falar e gesticular em excesso que proporcionará a experiência de Deus. Afirma Fernandez que “Permanecer em atitude de disponibilidade e escuta na presença do Deus vivo é louvá-lo em espírito e verdade.”¹⁰⁶ O silêncio é o gesto que muito pode auxiliar essa atitude, que certamente não pretende encerrar a comunicação entre Deus e o fiel isoladamente. Segundo José Aldazábal, “O silêncio é a abertura para Deus, para a comunidade com que compartilhamos a oração, e até um reencontro consigo mesmo.”¹⁰⁷ Assumindo essa tríplice função, o silêncio litúrgico não fomenta o individualismo; ao contrário, proporciona muito bem a abertura para Deus e para os irmãos.

2.2.2 Silêncio de Jesus Cristo

Enviado aos homens e mulheres para lhes comunicar o Pai e conduzir todos novamente à sua comunhão, viveu inteiramente em vista dessa missão. Suas palavras e gestos não conheciam outro objetivo. Ele é a vida, mas também é o caminho, o exemplo de como ser unido a Deus Pai.¹⁰⁸ É anunciado pelos profetas como o servo silencioso: “Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a sua voz nas ruas.”¹⁰⁹ É o primeiro a ensinar que se deve buscar o Pai de uma forma silenciosa, sem euforia e exaltações.

Seu ato fundamental e primordial de escolha pelo Pai e conseqüente superação das tentações se dá no silêncio do deserto.¹¹⁰ Ensina também que não só no início e no fim da missão o silêncio com o Pai é necessário, mas em todo o tempo. “Ele, porém, permanecia retirado em lugares desertos e orava.”¹¹¹ Ao reconhecer necessário, prontamente procurava a quietude de um lugar reservado: “Refugiou-se de novo, sozinho, na montanha.”¹¹²

¹⁰⁵ BRUSTOLIN; GOMES, 2017, p. 328.

¹⁰⁶ FERNANDEZ, 1990b, p. 264.

¹⁰⁷ ALDAZÁBAL, José. **Gestos e símbolos**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 205.

¹⁰⁸ Jo 14,6.

¹⁰⁹ Is 42,2.

¹¹⁰ Mc 1,12-13.

¹¹¹ Lc 5,16.

¹¹² Jo 6,15.

Homens e mulheres que desejam entrar em comunhão com o Pai têm em Jesus seu grande modelo. Ele, mais do que qualquer outro, é o mestre de oração e encontro com o Pai. Ambos estavam unidos em íntima comunhão desde toda a eternidade. Paulo, escrevendo aos Romanos, fala do silêncio eterno donde brotou a Palavra do Pai: “A mensagem de Jesus Cristo [...] envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém manifestado.”¹¹³

Ele vivia no silêncio junto do Pai e agora pode mostrar aos homens e mulheres que a relação entre ambos assim se dava, e que não sofre grandes alterações no tempo e na história. Jesus de Nazaré e o Pai cultivam seu forte vínculo de amor através do silêncio, espelho do vínculo primeiro e eterno. Com Jesus o eterno toca o tempo, o silêncio celeste toca o silêncio terreno e lhe dá novo sentido. “Eis que faço novas todas as coisas.”¹¹⁴ Mesmo o silêncio, por vezes considerado estéril, pela encarnação do Verbo de Deus pode produzir frutos abundantes.

O silêncio de Jesus Cristo lhe era fundamental e serve de modelo para todos. Sua forma primordial de relacionar-se com o Pai foi através do silêncio. Vê-se que essa forma de viver lhe era inegociável, porquanto desejava tão somente a total união com o Pai. Por consequência, Jesus muitas vezes apartou-se de ocasiões de tumulto e levou os que ele desejava curar para um lugar retirado, fora da agitação.¹¹⁵

Uma vez que Cristo procura o silêncio e conduz ao silêncio, a vida cristã não pode prescindir desse fenômeno, pois seu salvador assim se portou. Sua grande sintonia com a pessoa e missão do Pai precisavam ser alimentadas de alguma forma. Báez identifica na relação silenciosa com o Pai o princípio vital para o Filho: “Esses tempos e esses espaços, marcados pelo silêncio, se tornam para Jesus o ambiente propício para viver na oração a sua relação de amor com o Pai.”¹¹⁶

Se no silêncio é possível experimentar o Pai, Jesus é o grande exemplo a seguir. A atitude cristã, na vida e na liturgia, encontra seu mais perfeito modelo em Jesus Cristo. “Também Cristo sofreu por vós, deixando-vos um exemplo, a fim de que sigais os seus passos.”¹¹⁷ O Cristo que também busca o Pai no silêncio, convida a todos a adentrarem

¹¹³ Rm 16,25-26.

¹¹⁴ Ap 21,5.

¹¹⁵ Mc 8,22-26.

¹¹⁶ BÁEZ, 2010, p. 171.

¹¹⁷ 1Pd 2,21.

no seu silêncio. Silêncio de disponibilidade, silêncio de abertura, silêncio de comunhão com o Pai.

Inácio de Antioquia, escrevendo aos Efésios afirma: “Aquele que possui verdadeiramente a palavra de Jesus pode escutar também seu silêncio, a fim de ser perfeito, para realizar o que diz ou para ser conhecido pelo seu silêncio.”¹¹⁸ Os passos de Jesus devem ser inspiração para os passos de todos os cristãos. A maneira de Jesus se dirigir ao Pai sempre será inspiração para o modo de orar de todos os cristãos.

2.2.3 Silêncio para acolher o Espírito Santo

Ao falar do modo de ação do Espírito Santo na liturgia, pode-se adentrar nas considerações acerca do silêncio litúrgico propriamente. Ele mesmo age silenciosamente e necessita do silêncio para que possa operar sua obra nos corações. Segundo Maqueda, o silêncio “[...] *indica a presença e a ação do Espírito Santo.*”¹¹⁹ Ele que sempre agiu silenciosamente na história da salvação, agora, na liturgia, faz acontecer a mesma salvação. Já se aponta, com isso, uma primeira característica do silêncio na liturgia: não é ausência sonora, apenas. Não é calar por calar, mas um espaço que se concede para que o Espírito Santo possa agir.

Nessa perspectiva também argumenta Desthieux: “Os momentos de silêncio oferecem espaços onde o Espírito Santo pode atuar mais profundamente no coração de cada um.”¹²⁰ Embora o Espírito Santo seja o responsável por envolver tudo e todos na celebração litúrgica num aspecto mais amplo, faz-se necessária a conceção de tempos oportunos para sua ação.

E sabe-se bem qual objetivo de sua atuação. Não quer revelar-se a si mesmo, mas proporcionar abertura ao Pai e manifestar o Filho. Maqueda auxilia na compreensão de que o silêncio é utilizado pelo Espírito e este, por sua vez, quer manifestar o Cristo: “Com o silêncio, o fiel enche-se do Espírito Santo e abre seu coração à Palavra do Mestre; percebe-se o sopro do Espírito que nos impulsiona a configurar-nos a

¹¹⁸ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Efésios. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 81-89. p. cit. 87; 15.

¹¹⁹ MAQUEDA, 2020, p. 52, grifo do autor.

¹²⁰ “Les temps de silence offrent des espaces où l’Esprit-Saint peut agir plus profondément dans le coeur de chacun.” (DESTHIEUX, 2014, p. 48. tradução nossa).

Cristo.¹²¹ O orante é Cristo e a assembleia a Ele deve se unir. No silêncio litúrgico a assembleia pode deixar-se conduzir pelo Espírito Santo para adentrar no silêncio de Jesus Cristo.

Assim, têm-se uma grande finalidade do silêncio na liturgia: unir o fiel a Cristo, para que a oração do fiel em assembleia se una à mais perfeita oração, a oração de Cristo, que embora se utilize de palavras, está repleta de silêncio. Mistério profundo: a ação do Espírito Santo que faz acontecer a união com Cristo, e este conduz os fiéis à união com o Pai. Se grande é o mistério, profundo e autêntico deve ser o silêncio.¹²²

O Deus uno e trino, cuja grande obra é a liturgia, sempre será o motivo e a finalidade última do silêncio. Logo, não se encerra, aqui, a relação sua com o silêncio. Ao contrário, as considerações que se seguem, sempre terão como pano de fundo a Trindade. Quis-se, apenas, demonstrar quão profunda é a relação do silêncio com o Pai, com Filho e com o Espírito Santo. Cabe, daqui em diante, perceber o silêncio em sua forma mais prática na liturgia, de modo que proporcione à assembleia a experiência divina.

2.3 O SILÊNCIO LITÚRGICO

Uma vez introduzida a temática do silêncio litúrgico com relação às três pessoas divinas, adentra-se, agora, em outras considerações. Viu-se que a liturgia é ação de Deus em favor do povo. Deus Pai busca o seu povo. Deus Filho preside a assembleia conduzindo-a ao Pai. E o Deus Espírito Santo envolve tudo e a todos. Viu-se também que a liturgia é diálogo e encontro. Diálogo com Deus. Se é diálogo, não pode prescindir da escuta e meditação. É também oração, uma vez que se trata de encontro com o próprio Deus. É pausa restauradora, momento para proporcionar paz e tranquilidade. Por consequência, inegociável é a tratativa acerca da participação dos fiéis. Desse modo, o silêncio está a serviço de todas essas realidades.

Sem o silêncio a liturgia fica comprometida. Enquanto ação do próprio Deus e do povo em resposta, a liturgia depende muito do silêncio. Não do silêncio por si só, mas estando a serviço do que acontece na liturgia. Romano Guardini surpreende ao falar da dependência que a liturgia tem do silêncio: “Se alguém me perguntasse onde começa a vida

¹²¹ MAQUEDA, 2020, p. 52.

¹²² MAQUEDA, 2020, p. 52.

litúrgica, eu responderia: com o aprendizado do silêncio.”¹²³ Ou seja, toda a realidade do Deus que sai ao encontro do ser humano, do ser humano que deseja também encontrar o seu Deus, de Jesus Cristo verdadeiramente presente e que preside a ação litúrgica, do Espírito Santo que age nos corações dos fiéis, tudo isso necessita de silêncio. Guardini ainda aponta as fragilidades que acontecem quando não se valoriza o silêncio: “[...] tudo fica sem seriedade e permanece vão.”¹²⁴

A liturgia em seu primeiro significado é ação do povo. Dela fazem parte, certamente, a palavra proferida em voz alta, o som, o canto, o gesto, a atmosfera festiva. Mas por detrás de todas essas ações está o mistério insondável de Deus. Portanto, já pelo testemunho das sagradas escrituras parece ser muito oportuno e necessário também um agir silencioso, imbuir de silêncio as pausas, os gestos, as palavras.

O livro do Apocalipse apresenta uma cena litúrgica, que denota grande mistério e a atitude que se lhe acompanha: “Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve no céu um silêncio durante cerca de meia hora.”¹²⁵ Em relação a grandes mistérios, as mais diversas ações não teriam a capacidade de exprimir o mistério. Poucas dessas ações são capazes de melhor corresponder ao mistério como o silêncio. Logo não será qualquer silêncio. Mas deve ser um silêncio imbuído do mistério que o acompanha, um silêncio para o mistério e que seja eco do mistério, não apenas ausência de palavras.¹²⁶

Nesse sentido estão todos os momentos de silêncio prescritos nas mais diversas celebrações litúrgicas¹²⁷. Dois momentos litúrgicos que manifestam grandes mistérios podem servir como exemplo. Por consequência, o tempo de silêncio que os acompanha são mais longos. O primeiro é referente à celebração do sacramento da ordem, quando do gesto pelo qual se confere a ordenação, isto é, a imposição das mãos. Assim expressa a norma litúrgica: “Em silêncio, o Bispo impõe as mãos sobre a cabeça do Eleito. Em seguida, todos os Presbíteros [...] também

¹²³ GUARDINI, Romano apud SARTORE, Domingos. Silêncio. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1135-1142. p. cit. 1135.

¹²⁴ GUARDINI, 1992, p. 1135.

¹²⁵ Ap 8,1.

¹²⁶ RATZINGER, 2019, p. 164.

¹²⁷ Numa contagem objetiva, referindo-se à liturgia pós-conciliar, identificou-se cerca de 642 menções à palavra *silêncio*. (DESTHIEUX, 2014, p. 43).

impõe as mãos ao Eleito, em silêncio.”¹²⁸ Grande poderá ser o número de presbíteros presentes e, mesmo assim, durante o tempo que durar o gesto deve-se guardar o silêncio. Que silêncio é esse? O silêncio da contemplação de um grande mistério, um eleito sendo constituído na dignidade de presbítero.

Já na celebração da paixão do Senhor, na sexta-feira santa, a ação litúrgica tem início com o silêncio. “Todos rezam em silêncio por alguns instantes”¹²⁹, expressa a rubrica ao falar dos primeiros movimentos dessa liturgia. É a morte do Senhor a ser contemplada pelos fiéis. Não há monição inicial ou canto de abertura que seriam capazes de exprimir suficientemente esse mistério. Diante do Senhor morto na cruz pela salvação do gênero humano, não há outra coisa a se fazer, em resposta amorosa, a não ser o silêncio. O altar está despojado, não há cruz, castiçais, flores ou toalhas. Tudo está silencioso. Esse silêncio está carregado do mistério da morte do Senhor. É preciso que a assembleia mergulhe nesse mistério, sem distração.

Importa ratificar que o silêncio é um meio e não um fim. Josep Dordal é claro nesse sentido: “Quando nos reunimos para celebrar a Eucaristia, ou para a liturgia de qualquer outro sacramento [...], não nos reunimos, de fato, para estar em silêncio.”¹³⁰ Quando não orientado a uma finalidade específica, o silêncio pode mesmo entediar e dispersar os envolvidos. O que se quer alcançar na liturgia e deixar que alcance é o mistério de Deus, a graça santificante de Deus.

Para isso a liturgia se utiliza do silêncio, para que se alcance um silêncio muito mais profundo e difícil de se alcançar, o silêncio interior, do coração. Um silêncio que, embora partilhado com os demais, é pessoal, e será determinante para a acolhida do mistério de Deus proposto a cada fiel unido à assembleia.¹³¹ As considerações que se seguem farão notar melhor como o silêncio está sempre à serviço de algo, para que se busque realidades além dele mesmo.

¹²⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Pontifical Romano**. São Paulo: Paulus, 2019. p. 128.

¹²⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 254.

¹³⁰ “Cuando nos reunimos para celebrar la Eucaristía, o para la liturgia de cualquier otro sacramento [...], no nos reunimos, de hecho, para estar en silencio.” (DORDAL, Josep U. Silencio y celebración litúrgica. **Phase**: revista de pastoral litúrgica, Barcelona, ano 52, n. 307, p. 59-68, 2012. p. 62. tradução nossa).

¹³¹ DORDAL, 2012, p. 65.

2.3.1 Silêncio para a participação dos fiéis

A ação do Deus Pai, Filho e Espírito Santo, expressa na liturgia, como já bem destacado, requer que a assembleia se disponha em acolhê-la. Requer a participação dos fiéis nos sagrados mistérios celebrados. E é justamente nesse ponto, da participação dos fiéis, em que a Constituição *Sacrosanctum Concilium* inseriu a necessidade de se praticar o silêncio: “Para promover a participação ativa [...] *seja também observado, a seu tempo, o silêncio sagrado.*”¹³²

Conhece-se, assim, uma das máximas importâncias do silêncio na celebração litúrgica: possibilitar que cada fiel exerça seu sacerdócio batismal, acima de tudo; que crie condições para acolher a presença de Deus através de seu Espírito; para que, uma vez tendo percebido e acolhido essa presença, possa dar sua resposta na fé. O silêncio não é o único meio para isso, mas forma um conjunto completo e harmonioso, mais de acordo com a natureza humana, marcada por movimentos e pausas.

Como já visto, *participar, tomar parte na celebração* não consiste apenas em gesticular, cantar ou rezar em voz alta. Isso é muito importante e, conforme a Constituição Litúrgica, deve ser incentivado. Mas todas essas ações, se não forem intercaladas por momentos de silêncio, são incompletas. Marcolino, na esteira do que apresentou a mesma Constituição Litúrgica, assim sugere:

Na liturgia, em especial na missa, temos que valorizar os momentos de silêncio; sendo breves e oportunos, o silêncio no culto é capaz de inserir os fiéis mais profundamente no mistério celebrado. O silêncio é um meio de criar e de aprofundar a participação do povo, tornando-a plena e consciente, pois é o momento em que as palavras e gestos ganham intensidade no coração e na alma. Longe de ser um tempo morto ou ausência de qualquer ação, é meio ativo de participação.¹³³

¹³² Na nota 80 encontra-se o início dessa recomendação da Constituição Litúrgica, agora com seu complemento, apresentando o silêncio como meio de se atingir a participação desejada. (CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 46; SC 30, grifo nosso).

¹³³ MARCOLINO, 2015, p. 9.

Também o silêncio não se apresenta apenas como mais um recurso para a participação desejada, mas como um gesto que envolve e faz garantir o objetivo de todos os outros gestos. É uma atitude que se encontra na base e conferirá certa autenticidade para tudo o que brotar dessa atitude. Palavras, cantos, orações, atitudes, cada uma dessas ações deve – quanto mais, melhor – brotar do interior de cada um. Para que cada fiel — sempre em união com a assembleia — possa chamar de *minha oração, meu canto, minha palavra* dirigida ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. O silêncio interior é que possibilitará isso.

Logo, o silêncio não está limitado aos momentos de não-palavra. Tudo o que fora elencado para promover a participação ativa dos fiéis deverá brotar do silêncio, do silêncio que antes de tudo proporcionou a reflexão daquela resposta dada com fé.¹³⁴ Por isso, pode-se ratificar: o objetivo da assembleia reunida não é o silêncio em si, mas, partindo dele, realizar o que se propõe.

É claro que *participar* exige de cada pessoa não se fechar em si mesma. Aqui se retoma o necessário equilíbrio a se buscar, entre o interior e o exterior, entre individual e comunitário. Não se pretende, ao enfatizar a importância do silêncio litúrgico, que cada pessoa estabeleça solitariamente seu diálogo com Deus. Tampouco se trata de um calar negativo, que desconsidere o cantar, o rezar. Pelo contrário, deve-se apresentar o silêncio como um primeiro caminho de atenção ao que está acontecendo e que afeta a todos. Muitos desejam, por exemplo, acompanhar a proclamação bíblica a partir de um folheto ou outro subsídio. Mas isso não é garantia de participação ativa. Corre-se o risco de, enquanto se acompanha tão somente com os olhos, distrair-se. Mais participará quem estiver mais atento à ação. Mais participará quem tiver a sublime e simples capacidade de escutar.¹³⁵

2.3.2 Silêncio de escuta e reflexão

O apóstolo Paulo questiona: “Como poderiam crer naquele que não ouviram?”¹³⁶ Escutar é uma atitude essencial. É o mandamento anterior a todos os outros: “Ouve, ó Israel.”¹³⁷ É também um desejo primordial do homem e da mulher sábios: “Dá, pois, a teu servo um coração que

¹³⁴ ALDAZÁBAL, 2005, p. 205.

¹³⁵ ALDAZÁBAL, 2005, p. 204.

¹³⁶ Rm 10,14.

¹³⁷ Dt 6,4.

escuta.”¹³⁸ Para que Deus possa falar ao homem e à mulher e estes possam lhe responder com suas próprias vidas, é necessário primeiro dar ouvidos a esse Deus: “Escutai a minha voz, e eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo.”¹³⁹ E recebe o elogio do próprio Deus se assim procede: “Feliz o homem que me escuta.”¹⁴⁰ Se a escuta é atitude essencial do homem e da mulher bíblicos, é também para o homem e a mulher que se reúne em assembleia na liturgia. Sobre isso, destaca Aldazábal: “A comunidade cristã é fundamentalmente uma comunidade que escuta. É a primeira forma de fé e de oração, antes que dizer palavras ou entoar cantos.”¹⁴¹

A liturgia é um grande diálogo e feita de muitas palavras, certamente. Proferidas ou mesmo cantadas. Palavras dirigidas à assembleia da parte de Deus por intermédio da voz de um leitor; palavras dirigidas a Deus proferidas por aquele que preside a ação; palavras ditas por aquele que está incumbido de orar a Deus em nome de toda a assembleia etc. Tais palavras não podem passar despercebidas. Nelas está o espírito da ação litúrgica, a mensagem de Deus ou a súplica/louvor que a assembleia dirige a Deus.¹⁴²

As palavras precisam ser escutadas com atenção, absorvidas, apreendidas. Portanto, a atitude de escuta se torna fundamental para toda a assembleia, tal como expressa Aldazábal: “Escutar é algo mais que ouvir. É atender, ir assimilando o que se ouve, reconstruir interiormente o conteúdo da mensagem. E isso é a fonte e o alimento da fé.”¹⁴³ Esse silêncio pode ser nomeado de silêncio de assimilação, para que cada um possa assumir para si aquelas palavras. Assim, de certo modo, a assembleia precisa estar em união espiritual com aquele que preside, por exemplo, para que tanto mais estritamente tome parte naquilo que está sendo dito.¹⁴⁴ Como se dará isso? Através da escuta silenciosa e atenta da assembleia.

¹³⁸ 1Rs 3,9.

¹³⁹ Jr 7,23.

¹⁴⁰ Pr 8,34.

¹⁴¹ ALDAZÁBAL, 2005, p. 204.

¹⁴² São as *nigricas*, os textos litúrgicos propriamente ditos, impressos em preto. Rubricas e nigricas merecem a mesma atenção. (ASSUNÇÃO, Rudy A. de. **O sacrifício da Palavra**: a liturgia da missa segundo Bento XVI. Campinas: Ecclesiae, 2016. p. 37).

¹⁴³ ALDAZÁBAL, 2005, p. 204.

¹⁴⁴ SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. **Instrução *Musica Sacram***: sobre a música na sagrada liturgia. In: Documentos sobre a Música Litúrgica. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2017. p. 162; MS 17.

A prática do silêncio agora adquire um sentido ainda mais amplo. Já se mencionou que o silêncio se caracteriza como uma atitude primordial, para além dos momentos de *não palavra*. Também nos momentos de *palavra* o silêncio é indispensável e precisa ser cultivado. Pois, conforme Báez, “[...] a primeira condição da verdadeira escuta é o silêncio: um silêncio de abertura, que concede a prioridade ao outro, que prepara o terreno no qual germine a palavra [...]”.¹⁴⁵ O que se pretende alcançar, sobretudo, é o silêncio interior, de disposição sedenta em escutar, escutar a Deus. Os fiéis devem ser educados a uma atenção mais acurada durante a liturgia, sobretudo quando se leem as sagradas escrituras. Nesse sentido, qualquer ruído audível ou visível, que ponha obstáculo nesse processo de escuta, precisa ser corrigido.

A celebração eucarística, em suas duas grandes partes – liturgia da Palavra e liturgia eucarística – evidencia que um dos motivos pelos quais a comunidade acorre à celebração é escutar a Palavra de Deus. “Reúne-me o povo, para que eu os faça ouvir minhas palavras.”¹⁴⁶ E não há melhor atitude para acolher a Palavra divina do que o silêncio.¹⁴⁷ Recorrendo ao silêncio de escuta, a liturgia cada vez mais educa os fiéis a se aproximarem da vida proposta pelas sagradas escrituras.

Nelas está atestado que à voz de Deus nada pode se sobrepor, que ela merece máxima atenção. E com essa atenção colabora, sem dúvida, o silêncio, exterior e interior. “Guardai silêncio, agora sou eu quem fala.”¹⁴⁸ E é especialmente nos Evangelhos que se apresentam exemplos da atitude que se deve ter diante de uma palavra que não é uma palavra qualquer. No relato de Jesus em casa de Marta e Maria, a atitude mais elogiável é a de Maria: “[...] ficou sentada aos pés do Senhor, escutando-lhe a palavra.”¹⁴⁹

Do silêncio de escuta decorre um outro silêncio de mesma importância, o silêncio de reflexão, de meditação daquilo que foi atentamente escutado. Acontece objetivamente e imediatamente após o que foi proclamado. O livro de Jó apresenta a dinâmica de escuta e posterior reflexão: “Ouviam-me com grande expectativa, e em silêncio escutavam meu conselho. Quando acabava de falar, ninguém replicava,

¹⁴⁵ BÁEZ, 2010, p. 47.

¹⁴⁶ Dt 4,10.

¹⁴⁷ DESTHIEUX, 2014, p. 28.

¹⁴⁸ Jó 13,13.

¹⁴⁹ Lc 10,39.

minhas palavras ficavam gotejando sobre eles.”¹⁵⁰ O silêncio após uma leitura bíblica, por exemplo, não é simples pausa, silêncio por silêncio, mas deve ser um silêncio grávido da Palavra de Deus. O silêncio também possui essa missão, apontar para o que é essencial. Se algo ou alguma palavra foi sucedida de silêncio, e mesmo precedida dele, é porque merece uma atenção maior.¹⁵¹

2.3.3 Silêncio para a oração, diálogo e encontro

A liturgia é uma privilegiada oração. É oração porque é verdadeiro encontro com Deus e precisa, necessariamente, conduzir todos a esse encontro. Estar na presença de Deus é o que almeja a assembleia, e isso acontece de fato. Como já mencionado, o silêncio em sua presença é uma valorosa atitude. Mas não bastam as duas presenças justapostas, sem o contato de ambas. Assim, o silêncio não apenas acompanha as duas presenças, uma diante da outra, mas também proporciona o encontro entre elas. Sobre esse silêncio, assim se expressa Desthieux:

O silêncio litúrgico se junta a este silêncio para além das palavras, pois nem tudo pode ser expresso, e a relação com Deus deve ser vivida para além das palavras. O silêncio litúrgico busca a união com Deus.¹⁵²

O desejo do ser humano é dirigir a Deus alguma palavra, um pedido. A ação litúrgica não deixa de atender esse desejo, pois boa parte do rito se dedica a dirigir-se a Deus através de várias orações. Além disso, acrescentam-se, ao longo do rito, outras orações elaboradas para os mais diversos fins. Corre-se o risco de pretender alcançar a união com Deus apenas através do muito falar. No entanto, é o silêncio que proporcionará o ápice dessa relação, Deus e ser humano. Uma oração apenas de palavras, que não recorre ao silêncio, é como uma chama que não é alimentada com a lenha para manter-se acesa. O silêncio alimenta a oração. A liturgia, portanto, recorre ao silêncio para alimentar o encontro

¹⁵⁰ Jô 29,21-22.

¹⁵¹ RATZINGER, 2019, p. 164.

¹⁵² “Le silence liturgique rejoint ce silence au-delà de la parole car tout ne peut pas être exprimé, et la relation à Dieu est à vivre au-delà des mots. Le silence liturgique recherche l’union à Dieu.” (DESTHIEUX, 2014, p. 40. tradução nossa).

com Deus, para melhor educar para sua presença, para aguçar sua escuta e proporcionar verdadeira oração.¹⁵³

A liturgia educa para um equilíbrio entre oração que se dá com palavras e com silêncios. Quase que em mesma proporção fornece as palavras e os silêncios, pois também acolhe a recomendação do próprio mestre da oração: “Nas vossas orações não useis de vãs repetições, como os gentios, porque imaginam que é pelo palavreado excessivo que serão ouvidos.”¹⁵⁴ Mesmo que se referindo à oração pessoal, o espírito de oração ensinado por Jesus, com sobriedade no uso de palavras, deve ser assumido também na liturgia. O silêncio é valorosa atitude de confiança diante do Pai que sabe das necessidades dos seus filhos.¹⁵⁵ Aldazábal não considera uma oração apenas por ela mesma: “Uma oração, um canto, inclusive uma homilia, se forem válidos, no fundo, devem estar permeados de silêncio.”¹⁵⁶

Descobre-se, assim, um elemento que não pode ser dissociado da oração litúrgica. O mesmo autor defende que “[...] o silêncio — às vezes exterior, sempre interior — é algo conatural à oração.”¹⁵⁷ Oração textual ou momento de oração devem ser acompanhados de silêncio, permeados de silêncio, ter seu ponto de partida e de chegada no silêncio. “A oração mais sincera que podemos elevar a Deus”, segundo Dordal, “só pode sair de um coração que, tomado de silêncio, só faz suas as palavras que a Igreja [...] nos põe nos lábios.”¹⁵⁸

A Igreja concede as palavras a serem ditas, a *oração* a ser proferida por todos. Mas deve-se considerar a oração em sua completude: o texto e a disposição interior com que é dito. Esse espírito é o de máxima dedicação e atenção ao que se está dizendo ou fazendo. A assembleia é constituída de homens e mulheres concretos, de corpo e alma, sendo que não basta um gesto/palavra para que o executem friamente. O silêncio, interior auxiliado pelo exterior, contribui para que a oração seja mais autêntica.

¹⁵³ DESTHIEUX, 2014, p. 46.

¹⁵⁴ Mt 6,7.

¹⁵⁵ Mt 6,8.

¹⁵⁶ ALDAZÁBAL, 2005, p. 205.

¹⁵⁷ ALDAZÁBAL, 2005, p. 205.

¹⁵⁸ “La oración más sincera que podamos elevar a Dios sólo puede salir de un corazón que, colmado de silencio, sólo se haga suyas las palabras que la Iglesia [...] pone en nuestros labios.” (DORDAL, 2012, p. 65. tradução nossa).

2.3.4 Silêncio de pausa restauradora

Uma liturgia que não ofereça silêncio corre o risco de ser rejeitada, sobretudo hoje, com uma notável busca de práticas de meditação e relaxamento, que proporcionam um momento de paz e tranquilidade. Ratzinger percebe esse fenômeno e reconhece que a prática litúrgica precisa despertar, ou redespertar para isso também:

O fato de que hoje nos circundem por todo lado exercícios de imersão em si mesmos, uma espiritualidade do esvaziamento, não é, certamente, casual; manifesta-se uma necessidade interior do homem que na atual forma da nossa liturgia, obviamente, não consegue obter suficiente reconhecimento.¹⁵⁹

Um problema é apontado por ele: trata-se de uma necessidade interior do ser humano, e que não está encontrando no modo como a ação litúrgica é conduzida, em muitos casos. Há quem tenha receio de assim proceder, de valorizar o silêncio, pensando não ser o melhor caminho. Pensa-se que momentos de silêncio são consequência de um despreparo, um fracasso por não entreter a assembleia. Talvez porque na vida cotidiana aconteça assim; o mundo é barulhento e deseja manter todos entretidos.

Há ruído no trabalho e em casa. Ao se frequentar um espaço alternativo, este já está preenchido com alguma música ambiente, e, em muitos casos, de um estilo musical que não proporciona tranquilidade. Pensa-se, erroneamente, que as pessoas desejam encontrar o mesmo ambiente nas igrejas, tal como vivem no dia-a-dia. Ratzinger aponta que não. E prossegue: “Da liturgia nós esperamos, propriamente, isto: que ela nos dê o silêncio positivo, no qual reencontramos nós mesmos.”¹⁶⁰

Ainda que alguns fiéis não busquem objetivamente o silêncio na liturgia, a liturgia deve lhes oferecer, como um grande diferencial, algo que não se encontra facilmente. João Paulo II, por ocasião do quadragésimo aniversário da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, também aborda a vida cotidiana para fomentar ainda mais a prática do silêncio na liturgia: “Numa sociedade que vive de maneira cada vez mais frenética [...] é vital redescobrir o valor do silêncio.” Nisso se requer a consciência de que a Igreja é portadora de um valor único, que ela pode

¹⁵⁹ RATZINGER, 2019, p. 165.

¹⁶⁰ RATZINGER, 2019, p. 164.

oferecer os remédios adequados para as mais variadas dificuldades vividas pela sociedade. E continua, propondo o desafio: “Por que não começar, com audácia pedagógica, uma educação ao silêncio [...]?”¹⁶¹ Sempre foi e será o desafio da Igreja propor os remédios evangélicos: para o egoísmo, o amor; para a violência, a paz; para o barulho, o silêncio.

Não é necessário o retorno a uma liturgia pré-conciliar ou desvalorizar os elementos que pertencem à assembleia para que participem mais ativamente. Vale recordar que as mesmas linhas da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, que convocam para a promoção do canto e aclamações, também recomendam o silêncio.¹⁶² O que se pode deduzir? Aldazábal aponta o que seria o resultado da soma de todos os elementos sugeridos na Constituição Conciliar para favorecer a participação¹⁶³: “[...] certo *tom de contemplação e serenidade*.”¹⁶⁴ Que a liturgia seja pautada pela serenidade, que corresponda mais com o que é próprio do ser humano, movimento e repouso, atividade e passividade, palavra e não palavra.

Isso faz reforçar o convite a uma liturgia toda imbuída de silêncio. Parece que não seria adequado apenas seguir a rubrica, a norma do silêncio se não se abraçasse o espírito da mesma norma. Pausas de silêncio realmente causariam desconforto se não fossem preparados por todos os outros elementos. É por isso que quando se fala em silêncio litúrgico, deve-se pensar a ação litúrgica como um todo, não só naqueles momentos de verdadeira pausa dos sons.

É questão de uma atmosfera geral da celebração. Será difícil adentrar em um momento de silêncio se ele não foi antecedido de uma fala serena. Causará espanto e inquietação se uma música fragorosa interromper a pausa de silêncio. Aqui se inverte a hierarquia: os momentos específicos de silêncio servem para favorecer o silêncio como um todo.¹⁶⁵

¹⁶¹ JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Spiritus et Sponsa***. Vaticano, 4 dez. 2003. Não paginado; SS 13. Disponível em: < http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2003/documents/hf_jp-ii_apl_20031204_spiritus-et-sponsa.html>. Acesso em: 20 abr. 2021.

¹⁶² Conferir as notas 80 e 132.

¹⁶³ Aclamações dos fiéis, respostas, salmodia, antífonas, cânticos, ações, gestos e atitudes.

¹⁶⁴ ALDAZÁBAL, 2005, p. 208, grifo do autor.

¹⁶⁵ DESTHIEUX, 2014, p. 46.

2.3.5 Silêncio e ritualidade

Uma determinada liturgia, sabe-se, embora um único ato dinâmico, se desdobra em vários ritos sequenciados. Mesmo que assim dispostos, certamente não foram pensados para acontecer sem um andamento equilibrado, de modo que não possa haver alternância de velocidade e intensidade. Em conduzir os ritos com mais calma, muitos podem até concordar; mas quando se fala em silêncio, em pausa entre um rito e outro, a tendência é que se opte pelo contrário. Talvez a dificuldade está no fato de como as coisas na vida cotidiana acontecem, velozmente, uma após a outra, quase sem tempo de repouso, pois é preciso produzir; o silêncio é inútil. De forma inconsciente se imprime na liturgia a dinâmica da sociedade de consumo, onde a última coisa que se busca é o silêncio, pois com ele se pensa que algo está fracassado ou perdeu eficácia.¹⁶⁶

Boa ritualidade combina muito com paz e serenidade, abordadas no ponto anterior. Os ritos são constituídos de exortações, orações e movimentos. Sempre exigem o envolvimento de todos, sempre necessitados de um olhar que os contemple, de um ouvido que escute com atenção ou exigem uma resposta ativa. Além disso, mais atenção ainda se pede aos comentários não necessários, cantos motivados em momentos inoportunos. Em muitos casos se age de forma saturada. “Que significa agir de modo saturado? Significa preencher todo o espaço e toda a duração [...]”¹⁶⁷ Desse modo, o silêncio, além de favorecer a oração e a escuta, também proporciona bom ritmo à celebração. Sim, pois não é possível, humanamente falando, verdadeiramente experimentar algo que aconteça sem intervalos e momentos que possibilitem reflexão e repouso.

2.4 COMO VIVER O SILÊNCIO NA LITURGIA?

Pelo fato de o silêncio não ser o objetivo primeiro da liturgia, mas, ao mesmo tempo, lhe ser fundamental, praticá-lo é um desafio. Requer a conscientização de todos sobre sua importância, atrelando-o sempre com a essência da liturgia. Daí surge uma primeira pista prática. É necessária uma educação prévia para o silêncio. Certamente não é recomendável a prática sem uma instrução anterior. Isso vale para todos os aspectos da liturgia.

¹⁶⁶ DESTHIEUX, 2014, p. 45.

¹⁶⁷ CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA. **A arte de celebrar:** guia pastoral. Brasília: Edições CNBB, 2015. p. 157.

No caso do silêncio, é preciso ensinar os fiéis a viverem-no na celebração. Do contrário, o primeiro pensamento que surgirá, ante um espaço de silêncio, é que algum imprevisto aconteceu; alguém incumbido de certa tarefa não foi desempenhar seu papel no tempo certo. Para uma boa prática uma instrução prévia. Os tempos fortes, quaresma e advento, são grandes oportunidades para dar os primeiros passos na prática do silêncio, por exemplo.¹⁶⁸

Ao falar de instrução, fala-se de quem há de concedê-la e viver na prática aquilo que foi instruído: o presidente da ação litúrgica. No caso da celebração eucarística, o sacerdote — bispo ou presbítero — agindo na pessoa de Cristo, deve comunicar essa verdade com sua atitude. Cristo, como mencionado anteriormente, é mestre de oração e mestre de silêncio em vista da união com Deus Pai. Assim deve agir o sacerdote presidente.

Para Desthieux a postura de quem preside é determinante: “[...] ajudará ou não a assembleia a meditar, a entrar no tempo de silêncio, a vivê-lo fecundamente, a participar, assim, plenamente na liturgia.”¹⁶⁹ Que seja o primeiro, então, a imbuir-se de silêncio e conduzir a todos ao silêncio. Quão é urgente fazer lembrar que a liturgia não é apenas encontro entre os fiéis com seu pároco, mas encontro com o próprio Deus. Isso refletirá, dentre tantas coisas, na arte de bem presidir a liturgia.

Falando ainda da tarefa daquele que preside a celebração, precisa estar penetrado de silêncio para saber conduzir a assembleia ao silêncio. Na prática, deve fazer isso já com um tom de recolhimento, sem agressividade na voz. Porque a entrada no silêncio não pode ser brusca, como se ninguém a esperasse. Se for assim, todos se indagarão do porquê daquela pausa não preparada e desconectada do resto da ação. Do mesmo modo a saída do silêncio. Ou se dará pela retomada da palavra daquele que o introduziu, ou pelo início de um canto, por exemplo. Ambos não devem causar espanto. A voz seja suave e o instrumento musical executado de tal modo que delicadamente retire a assembleia do silêncio.¹⁷⁰

Quanto tempo deve durar o silêncio? Não há um tempo definido. E porque não há um tempo definido deve-se cuidar para que não seja prejudicial e tome o rumo oposto ao pretendido. A Instrução Geral sobre

¹⁶⁸ CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2015, p. 155.

¹⁶⁹ “[...] va aider ou non l’assemblée à se recueillir, à entrer dans un temps de silence, à le vivre de manière fructueuse, à participer ainsi pleinement à la liturgie.” (DESTHIEUX, 2014, p. 190. tradução nossa).

¹⁷⁰ CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2015, p. 156.

a Liturgia das Horas dá dicas voltadas ao que não fazer, as quais podem-se aplicar à toda ação litúrgica: “[...] evite-se introduzir um silêncio tal que deforme a estrutura do ofício, ou que ocasione aos participantes mal-estar ou tédio.”¹⁷¹ Para tanto, é preciso recordar que não se deseja o silêncio por ele mesmo. Mas sempre estará a serviço de outra realidade dentro da dinâmica ritual. Se demasiadamente favorecido em detrimento de outros elementos, o que se propõe com aquele rito pode ficar comprometido. É preciso bom-senso e equilíbrio para que o silêncio proporcione encontro com Deus e consigo mesmo, ao invés de tédio.

Ao menos duas formas de silêncio já foram identificadas: os momentos de silêncio mesmo – verdadeiras pausas – e uma atmosfera silenciosa que deve pairar em toda a ação litúrgica. Haveria uma terceira modalidade de silêncio litúrgico? Falou-se, anteriormente, do silêncio de escuta, mas não de como facilitar essa escuta. É necessária a soma de vários fatores. Não bastam ouvidos atentos, é preciso uma voz que se dê a escutar. Aqui se diz da habilidade daquele que proferirá uma leitura, uma oração ou exortação.

Deve ser uma leitura pausada, com pequenas oportunidades de se absorver aquilo que foi lido. É o bom andamento na dicção e o ritmo das palavras que farão do texto lido um verdadeiro alimento para os que o ouvem.¹⁷² Trata-se de pequenos silêncios no meio de uma fala. Eles têm o poder de chamar a atenção, fazer refletir naquilo que se ouviu e atrair para o que será dito em sequência.

O resultado final será uma celebração um pouco mais longa, em alguns minutos, do que o habitual; mas o que se deseja: celebrações curtas e negativamente objetivas, ou uma melhor experiência do mistério de Deus?¹⁷³ É necessário partir da rubrica para o espírito, do mais peculiar elemento para a amplitude que o mesmo pode alcançar.

Há quem coloque em oposição a liturgia bem celebrada e a vida cristã em seu sentido mais amplo. Uma não influencia a outra, dizem. Basta fazer o caminho inverso para perceber que isso é um engano. Uma vida cristã autêntica se traduz em obras. “Vai, e também tu, faz o mesmo.”¹⁷⁴ A ação foi fruto de um preceito conhecido, uma recomendação que se destacou em meio a outras, ressoando de forma mais intensa no coração. Tudo isso consequência de uma escuta atenta. E

¹⁷¹ INSTRUÇÃO Geral sobre a Liturgia das Horas. Com. José Aldazábal. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 98.

¹⁷² CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2015, p. 152.

¹⁷³ CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2015, p. 152.

¹⁷⁴ Lc 10,37.

qual o lugar onde se zela e promove essa escuta atenta? A liturgia, com toda sua normativa.

Portanto, eis uma norma litúrgica, uma dentre tantas, o silêncio; mas que detém um potencial de conduzir ao mais essencial do mistério celebrado. Se é tão importante, então tudo deve promovê-lo, segundo Desthieux:

[...] a beleza do lugar e da decoração, a qualidade da música e do canto, a boa execução dos ritos, a sua sequência judiciosa, uma maneira de fazer que convida ao recolhimento e à paz, uma maneira de dizer que faz sentir a densidade da presença de Deus. Tudo deverá conduzir ao silêncio, ápice da oração litúrgica.¹⁷⁵

Que se faça um retorno ao espírito da liturgia, a essência da liturgia, e como ela pretende fazer sentir essa essência. Que seja lançado sobre as normas litúrgicas um novo olhar, sobretudo para o silêncio. Não aconteça que se invista em elementos novos, frutos de uma criatividade não criteriosa, e se deixem esquecidos os elementos que já foram apontados como meios eficazes.

Que o silêncio litúrgico seja eficaz meio da escuta de Deus, como o foi para o homem e a mulher bíblicos. Que o silêncio, somado à toda a riqueza disposta pela liturgia da Igreja, proporcione o encontro de Deus com o ser humano; e esse faça de sua vida uma abertura ao mesmo Deus e aos irmãos. A exemplo de Jesus Cristo, busque incessantemente a união com Deus, no silêncio da liturgia e no silêncio da vida cotidiana. “Silêncio! Toda carne diante do Senhor!”¹⁷⁶

¹⁷⁵ “[...] la beauté des lieux et de la décoration, la qualité de la musique et du chant, la bonne exécution des rites, leur enchaînement judicieux, une manière de faire qui invite au recueillement et à la paix, une manière de dire qui fait sentir la densité de la présence de Dieu. Tout devrait conduire au silence, sommet de la prière liturgique.” (DESTHIEUX, 2014, p. 47. tradução nossa).

¹⁷⁶ Zc 2,17.

3 O SILÊNCIO NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

A tratativa do silêncio na celebração eucarística, por fim, é apresentada como resultado das considerações que a precederam, e que também dela partiram. É, dentre os sacramentos da Igreja, o sacramento mais acessado pelos fiéis, e não sem razão, pois dentre os sete é o mais sublime, o mais excelso. Da eucaristia a Igreja se alimenta, haure as graças necessárias para sua missão, sendo que a própria missão à mesma eucaristia conduzirá. A morte e ressurreição de Jesus é a fonte e, ao mesmo tempo, a realidade para a qual todos devem ser conduzidos. Sendo um sacramento, realizado na dinâmica litúrgica, não pode ser tratada de modo diferente. Ao contrário, deve ser cercada de todo zelo e esmero, tanto em sua preparação quanto na sua celebração.

É preciso ter em consideração que se trata de uma ação litúrgica, pela qual Deus é glorificado e os homens e mulheres santificados. Ou seja, é realizada numa dinâmica relacional, de encontro entre Deus e o ser humano. Se é relacional, é dialogal. É uma troca de dons, onde Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo dirigem-se a cada pessoa que esteja aberta à graça santificante, e concede a mesma graça à medida da abertura que se concede.

Elemento essencial para o favorecimento dessa abertura à graça, viu-se, é o silêncio litúrgico, previsto com frequência ao longo do rito da celebração eucarística. Portanto, tendo consciência da dimensão litúrgica que envolve essa ação, e que o silêncio lhe é fator inegociável, logo desponta o ímpeto de tomar conhecimento dos momentos de silêncio dentro da mesma celebração; perscrutar o sentido do silêncio, tal como se apresenta: momentos de silêncio propriamente ou em sentido mais amplo.

O ponto de partida é a *Instrução Geral do Missal Romano*, responsável por, dentre vários objetivos, reger a celebração eucarística, fornecer seus elementos necessários, indicando sua aplicação e benefícios. Traz uma recomendação geral quanto ao silêncio na celebração, que assim expressa:

Oportunamente, como parte da celebração deve-se observar o silêncio sagrado. A sua natureza depende do momento em que ocorre em cada celebração. Assim, no ato penitencial e após o convite à oração, cada fiel se recolhe; após uma leitura ou a homilia, meditam brevemente o que

ouviram; após a comunhão, enfim, louvam e rezam a Deus no íntimo do coração.¹⁷⁷

De início, a Instrução confere ao silêncio ser *parte da celebração*, e que sua prática deve acontecer. Não se trata de um elemento opcional. Tendo consciência da importância do silêncio para a liturgia, não deveria acontecer nenhuma celebração eucarística sem sua prática. Não um silêncio absoluto, com a finalidade nele próprio; mas, como exorta a Instrução, que seja *oportuno*. Fala-se também da natureza do silêncio. É a confirmação de que o silêncio litúrgico não existe para ele mesmo, mas para a liturgia e o que ela pretende.

Sendo assim, baseando-se literalmente na recomendação, pode-se identificar três tipos de silêncio: de recolhimento; de meditação; de louvor e oração. Mas ainda pode receber outras conotações, já ampliando seu sentido: para o ato penitencial, silêncio de conversão; para a oração coleta, silêncio de petição; para a liturgia da Palavra, silêncio de fecundação da Palavra; e para a comunhão, silêncio de presença amorosa.¹⁷⁸

Pretende-se, agora, o aprofundamento de cada um desses silêncios, de acordo com a disposição dos mesmos nos ritos; para uma compreensão mais abrangente e que sirva de incentivo para a prática. Porém, a própria Instrução não limita o silêncio a esses momentos, confirmando que o silêncio na missa e em toda liturgia é muito mais abrangente. São pausas específicas, mas também quer imprimir uma certa atmosfera na celebração, uma atmosfera propícia à oração. Assim conclui a recomendação geral:

Convém que já antes da própria celebração se conserve o silêncio na Igreja, na sacristia, na secretaria e mesmo nos lugares mais próximos, para que todos se disponham devota e devidamente para realizarem os sagrados mistérios.¹⁷⁹

A partir de agora há de se tratar do silêncio ao longo dos ritos da celebração em questão. Os de explícita ou implícita recomendação, bem como alguns momentos em que se torna possibilidade. As considerações que seguem serão um desdobramento da instrução supracitada, sendo

¹⁷⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. Brasília: CNBB, 2008. p. 48.

¹⁷⁸ GARCÍA, 1977, não paginado.

¹⁷⁹ CNBB, 2008, p. 48.

pautadas pela sequência dos ritos tal qual dispostos para a celebração eucarística e sua preparação.

3.1 RITOS INICIAIS

São dois os momentos de silêncio nos ritos iniciais: no ato penitencial e na oração coleta. No entanto, é preciso falar de um silêncio que precede os próprios ritos iniciais. A celebração eucarística, como toda liturgia, é momento de salvação. Uma ação grandiosa, o mistério pascal de Jesus Cristo, não pode ter seu início de forma inesperada, despreparada. É necessária uma preparação, algo que faça perceber a saída da dinâmica do dia-a-dia para uma dinâmica celebrativa, que difere de tudo o mais que se possa experimentar no cotidiano.

3.1.1 Silêncio antes da celebração

A missa não tem seu início no canto de abertura. Para saber o que marca, de fato, o início da ação litúrgica, deve-se recorrer à primeira rubrica, a primeira consideração acerca da missa: “Reunido o povo.”¹⁸⁰ Essa reunião acontece não pelo querer do próprio povo, mas por vontade de Deus. Para Goffredo Boselli, “[...] a primeira e fundamental ação litúrgica [...] é a resposta do povo ao chamado de Deus e o constituir-se em assembleia.”¹⁸¹ Ou seja, o movimento da assembleia sendo constituída já configura uma ação litúrgica. E uma vez formada a assembleia, ela já goza da presença do ressuscitado. “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles.”¹⁸² Essa presença não admite indiferença e dispersão; tudo e todos já devem apontar para essa verdade, da presença de Cristo em meio a assembleia.

A atitude mais coerente com essa realidade é o silêncio, certamente. Muitas ações também podem contribuir para criar o ambiente propício: alguma oração devocional ou uma música instrumental.¹⁸³ Mas para Desthieux há um gesto que se destaca entre todos: “O silêncio é

¹⁸⁰ CNBB, 2008, p. 49.

¹⁸¹ BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da Liturgia**. Brasília: CNBB, 2017. p. 103.

¹⁸² Mt 18,20.

¹⁸³ A música instrumental, um refrão orante, podem conduzir à oração nos momentos que precedem a celebração.

essencial para formar a comunidade, a Igreja, que celebrará a missa.”¹⁸⁴ O silêncio também goza da prerrogativa de ser o primeiro ato litúrgico porque o primeiro ato, de fato — a reunião da assembleia — não pode acontecer de qualquer maneira. Não se está aguardando o início de um espetáculo ou de uma cerimônia de qualquer gênero; mas trata-se do ato pelo qual Deus vem ao encontro do ser humano e o salva. O silêncio que acompanhará todo o desenrolar da ação litúrgica também a preparará.¹⁸⁵ “É bom esperar em silêncio a salvação do Senhor.”¹⁸⁶

Aqui deve-se mencionar mais diretamente o silêncio exterior, o silêncio mesmo, ausência de ruídos. A Instrução menciona a necessidade do silêncio dentro do templo, nos arredores e na sacristia. Sem dúvida, sem esse tipo de silêncio não se alcança o silêncio íntimo, que conduz à oração. Conforme García, “[...] é necessário antes todo o silêncio exterior que prepara e protege o interior.”¹⁸⁷ Isso deve fazer lançar um olhar sensível sobre a prática. Tomando por base essas considerações, verificar como agem aqueles que estão a preparar a celebração. Sim, pois o silêncio visual também importa. Uma ação grandiosa exige, naturalmente, uma preparação grandiosa.

3.1.2 Silêncio no ato penitencial

Tendo iniciado a celebração, o primeiro momento em que o silêncio aparece como parte integrante do rito é o ato penitencial. “O sacerdote convida para o ato penitencial que, após breve pausa de silêncio, é realizado por toda a assembleia.”¹⁸⁸ É um elemento dentro da dinâmica do rito, seu uso não é opcional. Não é opcional porque corresponde com uma das dimensões que o rito penitencial pretende suscitar nos fiéis: o reconhecimento da condição de pecador. Assim está disposta uma das fórmulas com as quais o sacerdote pode se dirigir à assembleia: “Irmãos e irmãs, reconheçamos as nossas culpas para celebrarmos dignamente os santos mistérios.”¹⁸⁹ Trata-se da

¹⁸⁴ “Le silence est essentiel pour former la communauté, l’Église, qui va célébrer la messe.” (DESTHIEUX, 2014, p. 50. tradução nossa).

¹⁸⁵ FRANCISCO, 2018, p. 14.

¹⁸⁶ Lm 3,26.

¹⁸⁷ “[...] se necesita ante todo el silencio exterior que prepara y protege el interior.” (GARCÍA, 1977, não paginado. tradução nossa).

¹⁸⁸ CNBB, 2008, p. 50.

¹⁸⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 390.

autenticidade e veracidade da celebração. Se houve um convite, deve-se conceder um espaço de tempo necessário para aquilo que se propôs.

É um silêncio diferente daquele que se fez para preparar a celebração, o silêncio de espera orante. Para Boselli, “O silêncio do ato penitencial é um silêncio intenso, austero, severo.”¹⁹⁰ Austero e severo porque todos são convidados a reconhecerem-se pecadores. Faz-se silêncio porque é o melhor ato que o ser humano pode fazer em vista dessa realidade, da ofensa a Deus, da recusa do seu amor. A liturgia assim propõe porquanto assim experimentaram o homem e a mulher bíblicos. Era o gesto que acompanhava o povo de Israel em momentos de reconhecimento da própria culpa, quando atingidos por calamidades. “Estão sentados por terra, silenciosos os anciãos da filha de Sião.”¹⁹¹

As sagradas escrituras ensinam que não há argumentos que possam remediar a situação de culpabilidade na qual o ser humano se colocou. Adão e Eva, após a queda, desataram em acusações mútuas e ineficazes.¹⁹² Ao perceber que não age conforme a vontade de Deus, resta ao ser humano silenciar. Também na parábola do banquete nupcial, à advertência do rei, o homem que não estava apto para a festa não pôde argumentar contra seu mal procedimento: “Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial? Ele, porém, ficou calado.”¹⁹³

É um silêncio de esperança, embora austero. É um silêncio também de humilde reconhecimento e súplica de misericórdia, com a certeza de que Deus é o primeiro interessado em conceder o perdão e mostrar-se próximo. Evocando o exemplo das sagradas escrituras, de episódios de crise e lamentação, Baéz dá pistas sobre qual seria a natureza do silêncio no ato penitencial: “[...] é, ao mesmo tempo, uma experiência de morte e de vida. Nesse silêncio o homem é desfeito e refeito perante Deus.”¹⁹⁴

Como se trata de um silêncio de conversão, pode estar imbuído do espírito contido na parábola do filho pródigo, desfeito e refeito perante seu pai. Nesse silêncio pode-se viver os três movimentos daquele que se perdeu e deseja retornar. O primeiro movimento é a tomada de consciência. Diz-se que caiu em si e tomou consciência que estava padecendo longe de seu pai.¹⁹⁵ O segundo movimento é a decisão: “Vou-

¹⁹⁰ BOSELLI, 2017, p. 46.

¹⁹¹ Lm 2,10.

¹⁹² Gn 3,11-13.

¹⁹³ Mt 22,12.

¹⁹⁴ BAÉZ, 2010, p. 31.

¹⁹⁵ Lc 15,17.

me embora, procurar o meu pai.”¹⁹⁶ O terceiro movimento, por fim, é a conversão: “Partiu, então, e foi ao encontro de seu pai.”¹⁹⁷ E do silêncio de reflexão e tomada de consciência brota a mais sincera confissão e o abraço misericordioso do Pai.¹⁹⁸ Vê-se que só o silêncio é que possibilita o movimento interior proposto e que é condição para que aconteça verdadeiramente a festa da reconciliação. A liturgia é algo verdadeiro e exige verdade. O silêncio muito colabora com a verdade e a autenticidade da ação.

Novamente pode surgir a pergunta: quanto tempo deve durar esse silêncio? É um questionamento válido pois busca equilibrar dois princípios. Primeiro: não se deve prolongar por muito tempo as pausas de silêncio; segundo: a pausa precisa acontecer, de modo que se conceda o espaço de tempo necessário para o que se propõe. Ou seja, tomando o ato penitencial, deve-se conceder o tempo necessário para o movimento de reconhecimento da condição de pecador. Para García, as variadas circunstâncias podem interferir na duração do silêncio. “Não devemos medi-lo por sua duração, mas por sua intensidade. Daí que não se pode fixar regras a respeito. Depende do estilo e do ritmo da celebração dentro de cada assembleia particular.”¹⁹⁹

Ao longo de toda a quaresma, por exemplo, o silêncio penitencial poderá ser mais valorizado. Poderá ser tema de reflexão e pregação, inclusive, instruindo e vivenciando a prática o silêncio. O mesmo acontece para os dias do tempo comum, em que dos textos bíblicos pode emergir e fazer refletir a condição de pecado. Por fim, mesmo no rito de bênção e aspersão da água, em substituição do ato penitencial, prevê-se um momento de silêncio.²⁰⁰

¹⁹⁶ Lc 15,18.

¹⁹⁷ Lc 15,20.

¹⁹⁸ GARCÍA, 1977, não paginado.

¹⁹⁹ “No debemos medirlo por su duración, sino por su intensidad. De ahí que no se pueden dar reglas al respecto. Depende del estilo y del ritmo de la celebración dentro de cada asamblea particular.” (GARCÍA, 1977, não paginado. tradução nossa).

²⁰⁰ Assemelha-se ao silêncio do convite *oremos*, na oração coleta, que se abordará em seguida. Uma pausa para realizar o que se pede: invocar a Deus para que abençoe a água que será aspergida. (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 1001).

3.1.3 Silêncio ao convite *oremos*

Como conclusão dos ritos iniciais, tem-se a oração coleta. Ainda que constituída de um texto próprio, é precedida pela oração de toda a assembleia, motivada pelo sacerdote presidente com o convite *oremos*, conforme a Instrução: “[...] o sacerdote convida o povo a rezar, todos se conservam em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos.”²⁰¹ Após os demais ritos iniciais serem vivenciados, tem-se um momento importante na dinâmica ritual. Por ser breve, sua densidade pode passar despercebida, sobretudo se a estrutura ritual não for observada, comumente sendo omitida a pausa de silêncio.

Uma primeira finalidade desse silêncio é a tomada de consciência de que se está na presença de Deus.²⁰² Era, também, uma das finalidades do silêncio antes da celebração, de estar diante daquele que convocou o povo para a ação litúrgica. Do mesmo modo, a pausa de silêncio que se segue serve para lembrar da presença de Deus. Não apenas lembrar, mas para que se entre em relação pessoal com Ele.²⁰³ E desse silêncio de presença e relacionamento com Deus, brota a oração de cada fiel, segunda finalidade desse silêncio e que corresponde ao convite feito, *oremos*. A assembleia une-se a Jesus Cristo orante e silencioso que exorta: “Pedi o que quiserdes e vós o tereis.”²⁰⁴

É um silêncio concedido para dialogar com Deus. Francisco convida a viver esse tempo de maneira simples e verdadeira, tal como exige o relacionamento com o Pai celeste. “Talvez tenhamos vivido dias de cansaço, de alegria, de dor, e queremos dizê-lo ao Senhor, invocar sua ajuda, pedir que esteja próximo de nós; temos familiares e amigos doentes, ou que atravessam provações.”²⁰⁵ É o silêncio de petição. Cada fiel pode apresentar a Deus a sua oração pessoal, conforme as aspirações surgidas do silêncio interior. Aqui ganha expressão máxima o valor de uma oração que brota do silêncio de comunhão com Deus. Sim, pois primeiramente o silêncio apontou para a presença de Deus. Presença de

²⁰¹ CNBB, 2008, p. 51.

²⁰² No missal de João XXIII, promulgado em 1962, além do silêncio previa-se a genuflexão. Após o Concílio Vaticano II apenas o silêncio permanece. (DESTHIEUX, 2014, p. 99).

²⁰³ DESTHIEUX, 2014, p. 100.

²⁰⁴ Jo 15,7.

²⁰⁵ FRANCISCO, 2018, p. 36.

um Deus que é Pai, que se antecipa, tal como fez o pai misericordioso para com o filho pródigo. Sabe do que precisamos mas deseja que nos dirijamos a Ele.

Não se atribua a esse momento um caráter de individualismo, mas de individualidade, que por sua vez culminará na coletividade da oração; afinal, chama-se também oração *coleta* porquanto aquele que preside reunirá a súplica de todos e as elevará a Deus através da única oração que proferirá. Aqui se alcança a harmonia entre a unanimidade da assembleia e a inegociável individualidade de cada fiel celebrante.²⁰⁶

E tratando-se do texto da oração proferida pelo sacerdote presidente, essa deve ser atentamente ouvida por todos. O silêncio, agora de escuta, perdura até a conclusão da mesma oração. A assembleia deve unir-se à súplica ouvindo-a, para que o *amém* dito por todos ao final, seja autêntico. Devem-na escutar para haurir dela também algum ensinamento espiritual, pois nessa oração se exprime a índole da celebração daquele dia.²⁰⁷ Na oração coleta, silêncio de petição e de escuta proporcionam à assembleia maior experiência de encontro com Deus.

Novamente, o que determina a duração dessa pausa é sua intensidade, seu conteúdo. Taborda incentiva a boa condução desse momento tão peculiar na celebração. “Supõe-se que o silêncio seja suficientemente longo para que cada um se expresse diante de Deus.”²⁰⁸ Suficientemente longo, sugere. Reconhecer a presença de Deus é um exercício da mente e do coração. É preciso retomar a consciência de que se está numa ação litúrgica, presidida em primeiro lugar pelo próprio Cristo Senhor, e que este quer conduzir ao Pai. Em seguida, conforme o desejo de cada um, uma oração pessoal. Tudo isso necessita um certo tempo para acontecer, configurando um diálogo autêntico com Deus, em comunhão com o Cristo orante. Portanto, que seja uma pausa a não causar aborrecimento, mas suficiente para a serena oração.

Taborda insiste na garantia da autenticidade do momento. Não parte do princípio de que todos saibam como proceder. “Uma catequese adequada poderia insistir na função dessa pausa que poderia ser brevemente motivada numa rápida expansão da fórmula *Oremos*.”²⁰⁹ *Oremos ao Pai em silêncio! Em silêncio, oremos! Diante de Deus, oremos.* Motivações como essas são capazes de garantir veracidade à ação ritual e ainda colaborar para uma mistagogia litúrgica. Retoma-se a

²⁰⁶ GARCÍA, 1977, não paginado.

²⁰⁷ CNBB, 2008, p. 52.

²⁰⁸ TABORDA, 2009, p. 171.

²⁰⁹ TABORDA, 2009, p. 171, grifo do autor.

função especial do sacerdote presidente, conduzir todos à oração. Francisco também outorga ao ministro presidente a adequada condução da assembleia, reprovando o que fere a serenidade da liturgia. “Recomendo vivamente aos sacerdotes que observem este momento de silêncio e não se apressem. [...] Sem esse silêncio, corremos o risco de descuidar o recolhimento da alma.”²¹⁰

O silêncio antes da celebração, no ato penitencial e na oração coleta não deixam de participar da finalidade comum aos ritos iniciais: introduzir e preparar.²¹¹ Preparar para o que virá em seguida: os dois grandes momentos da celebração eucarística, liturgia da Palavra e liturgia eucarística. Como se unir com disposição ao oferecimento de Cristo na liturgia eucarística, se a mesma disposição não foi despertada pela escuta da Palavra de Deus? E como abrir os ouvidos à Palavra do mesmo Deus se não houvera o reconhecimento da sua presença até ali? Não dará frutos na vida de fé quem antes não acolheu o dom, a graça. E acolhida supõe silêncio.

3.2 LITURGIA DA PALAVRA

Chega-se ao momento em que palavra e silêncio terão o ápice de sua relação. Pelas leituras bíblicas Deus fala ao seu povo, alimentando-o, comunicando-lhe vida eterna, tudo por meio do seu filho Jesus, verdadeiramente presente através de sua Palavra.²¹² É uma liturgia que possui seu valor próprio. Embora a liturgia eucarística a suceda, a liturgia da Palavra não é apenas preparação para ela. Tem em si o valor da presença de Jesus Cristo, de verdadeiro diálogo entre Deus e seu povo. Taborda acena para a sacramentalidade da liturgia da Palavra, o que justifica cercá-la dos meios adequados para sua devota celebração:

Para além da relação entre liturgia da Palavra e liturgia eucarística na celebração da eucaristia, é preciso reconhecer o sentido *sacramental* que a proclamação da Palavra tem em si mesma, independentemente de a ela se seguir uma liturgia sacramental.²¹³

²¹⁰ FRANCISCO, 2018, p. 36.

²¹¹ CNBB, 2008, p. 49.

²¹² CNBB, 2008, p. 53.

²¹³ TABORDA, 2009, p. 153, grifo do autor.

A partir disso, pode-se discorrer sobre a valorização que esses ritos merecem dentro da celebração eucarística. Essa valorização não diz respeito a novidades criativas, mas a ações que visam pôr em primeiro lugar a Palavra proclamada. Exorta a Instrução Geral do Missal Romano ao espírito com o qual se deve vivenciar a liturgia da Palavra, apontando o silêncio como atitude fundamental:

A liturgia da Palavra deve ser celebrada de tal modo que favoreça a meditação; por isso deve ser de todo evitada qualquer pressa que impeça o recolhimento. Integrem-na também breves momentos de silêncio, de acordo com a assembleia reunida, pelos quais, sob a ação do Espírito Santo, se acolhe no coração a Palavra de Deus e se prepara a resposta pela oração. Convém que tais momentos de silêncio sejam observados, por exemplo, antes de se iniciar a própria liturgia da Palavra, após a primeira e a segunda leitura, como também após o término da homilia.²¹⁴

Eis, portanto, que a liturgia da Palavra deve ser de tal modo vivenciada que a Palavra de Deus tenha a primazia. É o momento da escuta por excelência e de fomentar essa mesma escuta. Para tanto, muitos são os meios de uma adequada proclamação da Palavra, que por sua vez influenciará a escuta: a voz do leitor e sua posição corporal, por exemplo. Mas é o silêncio que certamente fará valorizar e evidenciar a Palavra proclamada. Aqui o silêncio está para a Palavra e a Palavra para o silêncio. O silêncio criará condições de escuta e servirá para que a Palavra continue a ressoar.

3.2.1 Silêncio antes de iniciar a liturgia da Palavra

Tendo concluído os ritos iniciais, recomenda-se mais um instante de silêncio, agora como preparação para o início da leitura bíblica. Novamente o silêncio não está para ele mesmo, mas para Deus que há de falar. É um silêncio imbuído do desejo do jovem Samuel: “Fala, Senhor, que o teu servo escuta.”²¹⁵ Também é um silêncio de reconhecimento da presença de Deus, tal como na oração coleta. No livro de Neemias vê-se

²¹⁴ CNBB, 2008, p. 53.

²¹⁵ 1Sm 3,10.

claramente que o livro da Lei não era tido pelo povo como um simples livro. “Esdras abriu o livro à vista de todo o povo [...]. E depois se inclinaram e prostraram diante do Senhor, com o rosto em terra.”²¹⁶ Apenas esse reconhecimento culminará na atitude de acolhida. Se no diálogo entre as pessoas o silêncio de atenção e de escuta é necessário, tanto mais quando quem fala é o próprio Deus. Deve-se acolher essa Palavra como na verdade é, Palavra de Deus.²¹⁷

A ênfase certamente está no texto que será proclamado. Isso é bom. Mas pode-se aproveitar esse momento para fazer memória até mesmo dos gestos do próprio Jesus. Fala-se de quando foi convidado a ler a passagem da escritura, na sinagoga de Nazaré. Falar desse gesto é fomentar a intensidade com que se deveria celebrar a liturgia, de modo que nada escape de seu sentido sagrado. Deseja-se tudo aprender do mestre Jesus, até mesmo os gestos celebrativos. Afinal, como afirma Boselli, “Aquilo que acontece na liturgia sinagoga de Nazaré é a instituição da liturgia cristã da Palavra.”²¹⁸ Se é o próprio Cristo quem revelará as escrituras, essa verdade precisa ser evidente de todos os modos.

Quanto aos gestos de Jesus naquela liturgia, o relato de Lucas descreve o movimento inicial: “[...] levantou-se para fazer a leitura. Foi-lhe entregue o livro [...]; abrindo-o, encontrou o lugar onde está escrito.”²¹⁹ O silêncio prévio à leitura pode servir para reproduzir o mesmo gesto de Jesus, que certamente não o fez apressadamente, mas com devoção à Palavra de Deus, com verdadeiro espírito litúrgico, pois assim recomendavam os rabinos judaicos.²²⁰

Vale recordar que se deve viver essa liturgia, na missa, de modo a favorecer a meditação e evitar qualquer pressa. Até mesmo o gesto de abrir o livro ganha um denso significado quando Jesus assim o fez. É o primeiro gesto do seu ministério e também remete àquele gesto derradeiro de abrir o livro na liturgia celeste, onde reinou o silêncio.²²¹ Portanto, em silêncio, a assembleia pode contemplar o Cristo que, solenemente, se levanta e abre o livro para a leitura.

²¹⁶ Ne 8,5-6.

²¹⁷ 1Ts 2,13.

²¹⁸ BOSELLI, 2015, p. 55.

²¹⁹ Lc 4,16-17.

²²⁰ BOSELLI, 2015, p. 76.

²²¹ BOSELLI, 2015, p. 73.

3.2.2 Silêncio de escuta da Palavra

Tendo contemplado essa ação do leitor, que calmamente dirige-se à mesa da Palavra e abre o livro, a assembleia se volta para a proclamação. Sabe que o que será proclamado é digno de atenção, uma vez que foi preparado pelo silêncio. E a serenidade com que se preparou a proclamação bíblica fomentou o silêncio que deverá permear a mesma proclamação, o silêncio de escuta. “Feliz o leitor e os ouvintes das palavras desta profecia, se observarem o que nela está escrito.”²²² Vê-se que é apenas um o que lê, os demais escutam, e escutam com atenção. A escuta atenta é inegociável, pois tão somente dela surgirá o impulso para pôr em prática o que se escutou. “Tornai-vos praticantes da Palavra e não simples ouvintes.”²²³ Assim, tem-se um itinerário fundamental de todo cristão: silêncio, escuta e prática.

Sabe-se que após a primeira leitura virá o salmo responsorial, que sempre será meditação da leitura que o precedeu, sempre será resposta.²²⁴ Mas algo que não foi devidamente assimilado não terá uma resposta autêntica. Pode-se fazer uma comparação entre o gesto humano de falar e a dinâmica da leitura bíblica seguida de um salmo de resposta. O movimento de fala não acontece sem o movimento de inspiração, encher de ar os pulmões. Logo, para que se possa falar, é preciso o silencioso ato de inspirar. Assim acontece na dinâmica da liturgia da Palavra. O silêncio de escuta corresponde ao ato de absorver verdadeiramente aquilo que é necessário para uma adequada resposta. Absorver a vida contida no texto bíblico, para, com o salmo responsorial, responder com a própria voz. O ritmo silêncio e palavra, que na liturgia é fundamental, também é algo natural ao ser humano.²²⁵

O silêncio durante a proclamação bíblica está em vista da mesma proclamação, para que nada se perca. O mesmo Samuel que pede ao Senhor para que fale, agora está atento às suas palavras. “Nenhuma das palavras que lhe dissera deixou cair em terra.”²²⁶ É questão de verdade, de valorizar aquilo que realmente conta. Se é próprio de Deus falar ao ser humano, a esse deveria ser próprio escutar. Baéz enfatiza a relação entre mensagem e audição: “O ato de falar não teria sentido se não fosse

²²² Ap 1,3.

²²³ Tg 1,22.

²²⁴ CNBB, 2008, p. 54.

²²⁵ DESTHIEUX, 2014, p. 211.

²²⁶ 1Sm 3,19.

dirigido a alguém disposto a ouvir. [...] Ouvir supõe abertura e atenção. [...] Por isso a condição da verdadeira escuta é o silêncio.”²²⁷

3.2.3 Silêncio de meditação da Palavra

Ao itinerário *silêncio, escuta e prática*, vale acrescentar, após a escuta, a meditação. Isso se dá no silêncio previsto ao término da proclamação bíblica. Aliás, é um espaço de tempo oportuno para viver mais um gesto de Jesus na sinagoga de Nazaré: “Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se.”²²⁸ Jesus não segue ao próximo passo — seu comentário à escritura — sem guardar um tempo de silêncio. Enquanto enrola o livro, entrega-o e se senta há apenas silêncio. Seu comentário ao texto também lança luzes sobre o que acontece durante o silêncio de meditação na liturgia da Palavra. Disse: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura.”²²⁹

No silêncio após a escuta da Palavra, a mesma Palavra ainda ressoa nos fiéis, alimentando cada qual conforme sua necessidade, como afirma Taborda:

O silêncio é necessário para acolher e valorizar a *tradução* da Palavra no coração e na vida, para interiorizar o anúncio. É um momento de meditação da Palavra para poder acontecer o diálogo entre Deus e os ouvintes, sob a ação do Espírito Santo.²³⁰

Se foi importante guardar silêncio antes do início da celebração, no rito penitencial e na oração coletiva, mais importante ainda é o silêncio à serviço da Palavra de Deus. É o também chamado silêncio de fecundação da Palavra. Algo ganha destaque dependendo da atitude que se lhe acompanha. O silêncio evidencia que a Palavra de Deus é algo positivamente grave, digna de toda a atenção. Essa atenção se desdobra na preparação para ouvi-la, na escuta atenta e na posterior reflexão. Mais uma vez se recorda do intenso uso de palavras das quais se utiliza a liturgia, ou das quais Deus se utiliza para falar aos homens e mulheres. E, para Aldazábal, existe apenas uma única atitude que servirá de guardiã

²²⁷ BAÉZ, 2010, p. 47.

²²⁸ Lc 4,20.

²²⁹ Lc 4,21.

²³⁰ TABORDA, 2009, p. 158, grifo do autor.

para todas essas palavras. “Toda palavra, e sobretudo a que pronunciamos em nossa celebração, deve ser precedida, acompanhada e seguida da escuta e do silêncio.”²³¹

O silêncio após a primeira leitura dará início ao ato de meditação da Palavra de Deus proclamada. Em seguida, tem-se o salmo responsorial, que também proporciona a reflexão sobre o mesmo texto. “Pelo silêncio e pelos cantos o povo se apropria dessa Palavra de Deus.”²³² Silêncio e canto não apenas separadamente; mesmo enquanto se entoa o salmo responsorial o silêncio ainda precisa prevalecer. A assembleia estará unida àquele que o está entoando se guardar a mesma atitude que teve para com a primeira leitura. “O salmista [...] profere os versículos do salmo, enquanto toda a assembleia escuta sentada.”²³³ O silêncio de escuta ainda se faz necessário para que cada fiel faça suas aquelas palavras que estão sendo proferidas, como se ele mesmo estivesse a dizê-las.²³⁴

3.2.4 Silêncio na proclamação do Evangelho e após a homilia

Chega-se ao ponto mais importante dentro da dinâmica da liturgia da Palavra: a proclamação do Evangelho. As prescrições litúrgicas evidenciam isso. Quando da utilização do evangeliário, esse é levado em procissão até a mesa da Palavra, acompanhado de velas e incenso; a assembleia, de pé, o aclama com o canto do *aleluia*; enfim, sua proclamação é cercada de maior solenidade.²³⁵

O fato de não haver explícita recomendação de silêncio para esse momento, não significa que é dispensável. Afinal, o silêncio de escuta, aqui, tem seu ponto alto. Mas a atenção, agora, se volta para aquele que há de proclamar o evangelho. Da mesma forma que os leitores precedentes, ele deverá cercar o texto com todo o esmero possível para também promover sua escuta. Considera-se também para essa proclamação as recomendações de uma leitura adequada, pausada e serena.

²³¹ ALDAZÁBAL, 2005, p. 205.

²³² CNBB, 2008, p. 53.

²³³ CNBB, 2008, p. 54.

²³⁴ E para que isso seja possível, seguindo o que diz a Instrução – que se favoreça a meditação – empregue-se ao salmo responsorial, quando cantado, uma melodia que evidencie a própria Palavra de Deus. Que a melodia não seja obstáculo a impedir uma escuta atenta e orante do salmo.

²³⁵ CNBB, 2008, p. 54.

A própria dinâmica da leitura do evangelho proporciona a utilização de pequenas pausas silenciosas para destacar o que foi dito. O texto em si será proclamado com uma intensidade distinta, que merece a própria natureza do texto: as palavras de Jesus. Essa intensidade de voz será modificada para o convite à aclamação: *Palavra da salvação*. Tendo emprestado sua voz ao texto evangélico, o ministro em questão fará esse convite em outro tom de voz e após uma breve pausa de silêncio. A finalidade desse silêncio é distinguir a Palavra das palavras; palavras humanas da Palavra divina. Apenas o silêncio é capaz de dar peso ao que foi dito e também conduzir a assembleia à distinção, mesmo que discreta e que se dá em fração de segundos.²³⁶

Um breve silêncio também pode ser observado antes de se iniciar a homilia, um tempo para a assembleia acomodar-se e preparar-se para a escuta. O silêncio, como noutros momentos, prepara a sua escuta. Se a preparou, também proporcionará que seja melhor absorvida pelos fiéis. “Após a homilia convém observar um breve tempo de silêncio.”²³⁷ Sua natureza não difere dos já citados: meditar brevemente no que foi ouvido. Como a homilia está estritamente vinculada à Palavra de Deus, reclama uma atenção e um tratamento de mesma dignidade daquele destinado à própria Palavra. Para Aldazábal, a existência dessa prescrição está em vista tão somente do conteúdo da homilia; “[...] consiste em que deixe ressoar sobre a comunidade, e sobre quem a pronuncia, a Palavra de Deus.”²³⁸

É um momento da ação eficaz de Deus e não deve ser descuidado. Para Francisco, na liturgia da Palavra, Deus sai ao encontro de cada homem e cada mulher. “O Senhor fala a todos, [...] bate à porta do coração de quantos participam da Missa, [...] consola, chama, suscita rebentos de vida nova e reconciliada. E isso por meio de sua Palavra.” Sabe-se que a homilia goza de um papel fundamental nessa missão. É por meio dela que o Senhor baterá à porta de cada um; iluminando com sua Palavra as mais diversas situações enfrentadas por aqueles que constituem a assembleia. Por isso, para Francisco, devido às dimensões que essa mensagem pode alcançar, não se admite que da homilia se siga para outros ritos sem uma pausa para reflexão. “Um bom silêncio”, diz ele, “deve ser feito ali e cada um deve pensar naquilo que ouviu.”²³⁹

²³⁶ DESTHIEUX, 2014, p. 215.

²³⁷ CNBB, 2018, p. 57.

²³⁸ ALDAZÁBAL, 2005, p. 205.

²³⁹ FRANCISCO, 2018, p. 49.

Não se deve desconectar o valor do silêncio daquilo que ele quer apontar. Reforça-se: a homilia, em conjunto com a proclamação do evangelho, é presença real de Jesus Cristo; é momento de reconhecer o próprio Senhor presente através de sua Palavra.²⁴⁰ Falando em presença real, sabe-se que haverá recomendação de silêncio após a comunhão eucarística. Se lá haverá silêncio, também aqui deve haver. É a mesma e única pessoa realmente presente, o mesmo e único mistério manifesto: Jesus Cristo. Mais adiante sua presença se manifestará sobretudo no pão e vinho consagrados; agora faz-se presente na Palavra proclamada. Assim, o silêncio após a homilia é tão importante quanto após a comunhão eucarística.²⁴¹

Por fim, concluindo a liturgia da Palavra, também na oração dos fiéis há a recomendação do silêncio. Aqui se trata de uma possibilidade, uma opção de gesto comum após a manifestação das intenções por parte de algum ministro: “O povo, de pé, exprime a sua súplica, seja por uma invocação comum após as intenções proferidas, seja por uma oração em silêncio.”²⁴² Certamente toma-se como referência a oração universal presente na Celebração da Paixão do Senhor. Nessa, proferida a intenção, recomenda-se a oração silenciosa de todos.²⁴³ É grande o valor do silêncio para a oração em si, como já mencionado. Ademais, a alternância na aplicação das fórmulas promove uma nova dinâmica no rito; sendo que a assembleia pode se deixar levar por um agir automático e irrefletido, portanto.

3.3 LITURGIA EUCARÍSTICA

Terminada a liturgia da Palavra segue-se à liturgia eucarística. Está disposta em três partes que correspondem aos gestos de Jesus na última ceia: a preparação dos dons, correspondendo ao gesto de Jesus de tomar nas mãos o pão e o vinho; a oração eucarística, o gesto de dar graças; e a fração do pão seguida da comunhão, o gesto pelo qual Cristo distribuiu seu corpo e sangue.²⁴⁴ Na dinâmica ritual desses gestos o silêncio

²⁴⁰ CNBB, 2018, p. 53.

²⁴¹ DEISS, Lucien apud DESTHIEUX, Pascal. **Le silence dans la célébration de l’Eucharistie**: Une étude et une analyse des documents liturgiques d’après le concile Vatican II. 304 p. Tese (Doutorado) – Curso de Teologia, Universidade Católica de Louvain, Bélgica e Universidade de Friburgo, Suíça, 2014. p. 215.

²⁴² CNBB, 2018, p. 58.

²⁴³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 255.

²⁴⁴ CNBB, 2018, p. 59.

apresenta-se como elemento fundamental. O silêncio após a comunhão certamente é indispensável e o mais importante dentro da liturgia eucarística. Mas também o silêncio na apresentação dos dons pode contribuir amplamente para a eficácia do rito, também pela sua localização dentro da celebração, embora não seja explicitamente recomendado.

3.3.1 Silêncio na apresentação dos dons

Sem prescindir de sua importância própria, a apresentação dos dons não deixa de ser um momento de transição entre as duas grandes liturgias, da Palavra e da eucaristia. Aldazábal evoca justamente essa transição para recomendar o silêncio nesse momento: “Entre o espaço da Palavra e o da Oração Eucarística, ambos certamente densos, um momento de calma permite que a comunidade possa respirar.” Ou seja, muito se exigiu dos fiéis desde o início da celebração: o reconhecimento do pecado, o momento da oração coleta, que engloba uma oração pessoal, a escuta atenta das leituras bíblicas e da homilia, a oração dos fiéis... E embora a prática comum seja entoar um canto, o mesmo autor tem a convicção de que seria mais útil à assembleia um momento de repouso. Segundo ele, “No ofertório, temos um dos momentos em que normalmente [...] se deseja mais um espaço de sossego e de silêncio.”²⁴⁵

Mas é a importância própria desse rito que convida mais ao silêncio. Não se nega que é um momento marcado por certa movimentação: primeiro prepara-se o altar; em seguida é louvável que os fiéis tragam, em procissão, o pão e o vinho; também são ofertados donativos ou dinheiro para adequada destinação; por fim, incensa-se, quando oportuno, as ofertas, os ministros ordenados e a assembleia.²⁴⁶ No entanto, não se deveria descuidar da movimentação exterior condenando-a à esterilidade. Ratzinger convida ao exercício de passar do rito ao significado. “É uma coisa muito sensata e fecunda, se a preparação vem concebida não apenas como uma ação exterior necessária, mas como um processo essencialmente *interior*.”²⁴⁷

O processo interior é o que conta, mais do que o estrito oferecimento de coisas materiais. E se dá pelo oferecimento de si próprio, tal como exorta o apóstolo Paulo: “Ofereçais vossos corpos como hósta

²⁴⁵ ALDAZÁBAL, 2005, p. 208.

²⁴⁶ CNBB, 2018, p. 60.

²⁴⁷ RATZINGER, 2019, p. 165, grifo nosso.

viva, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual.”²⁴⁸ É processo interior pois é oferecimento da própria vida, e que não se mede pelas proporções das ofertas materiais. O culto espiritual do rito da apresentação das ofertas é acessível a todos, e tanto melhor desempenha esse culto aquele que verdadeiramente se dispõe a Deus. Ninguém se dê por satisfeito em oferecer apenas coisas materiais. Agostinho indica de quais reservas, de quais celeiros se deve tirar aquilo que será ofertado: “Encontra-se em ti o que deves prometer e cumprir. Da arca do teu coração tira o incenso de louvor, do celeiro da boa consciência retira o sacrifício da fé.”²⁴⁹

O que poderia proporcionar tão bem esse oferecimento interior se não o silêncio? É um gesto denso e que pode ser prejudicado por quaisquer distrações. Não se trata de uma recomendação absoluta para esse momento. Mas justifica-se, e muito, por aquilo que se pede – o oferecimento de si próprio – e para proporcionar repouso, como já mencionado. Ainda que se leve em conta o silêncio de repouso, tenha-se em grande apreço o significado espiritual do rito. Não seja um simples silêncio de espera, enquanto se desdobra a ação exterior; mas uma preparação pessoal, uma apresentação diante do Senhor.²⁵⁰ Recorda-se e enfatiza-se a necessidade de instruir anteriormente a todos sobre esse silêncio, se praticado, apresentando-o como instrumento para a oração.

3.3.2 Silêncio na oração eucarística

Nesse bloco considera-se o diálogo introdutório, o prefácio e a oração que culmina na doxologia *por Cristo, com Cristo, em Cristo*. Nele o silêncio é condição fundamental e se apresentará de maneira diversa. Se destacará dentro da narrativa da instituição, para o momento em que se eleva, à vista de todos, as espécies eucarísticas; bem como durante toda a oração proferida pelo sacerdote presidente, onde a escuta atenta se faz necessária. É o ápice de toda a celebração. O silêncio está para colaborar com o que se propõe com esse bloco tão importante dentro da liturgia eucarística. “O sentido dessa oração é que toda a assembleia se una com

²⁴⁸ Rm 12,1.

²⁴⁹ AGOSTINHO. *Comentário aos salmos*: salmos 51-100. São Paulo: Paulus, 1997. p. 110.

²⁵⁰ RATZINGER, 2019, p. 166.

Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício. [...] exige que todos a ouçam respeitosamente e em silêncio.²⁵¹

Durante o prefácio e ao longo de toda a oração eucarística, a assembleia não é assistente passiva, pelo contrário. Ela deve se unir com aquele que, em nome de todos, está dirigindo a prece, por meio de Cristo, a Deus Pai. E unindo-se ao ministro presidente, pode dizer que aquela oração também é sua, também é da assembleia.²⁵² Somente o silêncio de escuta poderá proporcionar isso.

Ratzinger chega a sugerir um silêncio pleno durante a oração eucarística, inclusive do presidente, sendo que deveria proferi-la predominantemente em segredo. A condição para a verdadeira participação, segundo ele, não seria o alto tom de voz utilizado, mas um silêncio de todos, carregado de sentido e que conduziria a uma união mais profunda com Deus.²⁵³ Mas talvez não seja o principal a ser buscado. Se a recomendação é que se escute atentamente a oração, subentende-se que seja proferida em voz audível. Aldazábal, por sua vez, exorta tão somente a educar para o silêncio de escuta, sem que nada seja obstáculo para isso.

Não se trata de retornar à *Missa em silêncio* ou à Oração Eucarística em segredo, como antes. Ao contrário, trata-se de favorecer a possibilidade de que essa Oração – e as outras orações e leituras – sejam escutadas nas melhores condições por parte da comunidade, sem ser estorvada, nem por comentários supérfluos e nem por acompanhamentos musicais.²⁵⁴

A assembleia também não deveria encontrar obstáculo para uma oração mais profunda no momento da narrativa da instituição, sobretudo quando o sacerdote mostra a todos as espécies eucarísticas. É mais um caso em que o silêncio não é prescrito de forma explícita; mas, pelo mistério que ali se contempla, subentende-se que se deveria observá-lo.

²⁵¹ CNBB, 2018, p. 61.

²⁵² Ainda quanto ao sacerdote presidente, que faz a ação em nome da assembleia, isso fica evidente quando, ao convite *orai irmãos e irmãs*, após a apresentação dos dons, a assembleia aclama, dirigindo-se ao que preside: “Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício.” A assembleia outorga ao presidente a tarefa de oferecer o sacrifício que é de todos. (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 404).

²⁵³ RATZINGER, 2019, p. 169.

²⁵⁴ ALDAZÁBAL, 2005, p. 208, grifos do autor.

Talvez por não estar expressamente recomendado, naturalmente se opte por outras práticas. Ratzinger evoca uma concepção litúrgica desse momento que pode justificar a não valorização do silêncio:

Existem hoje objeções de moda que querem dissuadir-nos do silêncio da consagração. A ostensão das ofertas seria um erro medieval que perturbaria a estrutura da oração eucarística. [...] naquele momento não seria Cristo a ser adorado, o Destinatário de todo o Cânon seria ao invés o Pai, para o qual nós rezamos por intermédio de Cristo.²⁵⁵

A concepção evocada por ele é verdadeira. A liturgia como um todo tem na pessoa do Pai seu grande destinatário; e o momento ápice, a oração eucarística, jamais deixaria de participar desse direcionamento único. Para reiterar essa concepção, Taborda convida a considerar as palavras da narrativa da instituição como participantes da tarefa comum da oração eucarística: “[...] *convencer* a Deus Pai de que cumpra a promessa de Jesus, [...] dirigindo-se ao Pai, recordar-lhe a aliança.”²⁵⁶ Sob esse ponto de vista, poder-se-ia argumentar: a narrativa da instituição não necessitaria de ser acompanhada por uma pausa para contemplação.

Porém, Ratzinger, sem jamais desconsiderar a direção comum da liturgia ao Pai, convida a optar por uma concepção litúrgica sem necessariamente excluir a outra. “É verdade que o Cânon é construído na perspectiva trinitária e, portanto, o seu conjunto, se move na direção *do Cristo, pelo Espírito para o Pai*. Mas a liturgia nisso não conhece fixações rígidas.”²⁵⁷ Ou seja, é possível e se deve conceder ao momento da narrativa da instituição a veneração silenciosa que lhe é devida, por força do grande mistério que ela contém. E continua: “A transubstanciação é o momento da grande *actio* de Deus no mundo por nós. [...]. Por um momento, *o mundo cala, calam todas as coisas e, nesse silêncio, acontece o contato com o Eterno.*”²⁵⁸

Portanto, é possível valorizar com o silêncio o momento da narrativa da instituição, principalmente no ato do sacerdote mostrar à assembleia o corpo e o sangue do Senhor. Por ser um grande mistério, se lhe acompanhe, sobretudo, um grande silêncio. Grande na intensidade,

²⁵⁵ RATZINGER, 2019, p. 166.

²⁵⁶ TABORDA, 2009, p. 106, grifo do autor.

²⁵⁷ RATZINGER, 2019, p. 166, grifo do autor.

²⁵⁸ RATZINGER, 2019, p. 167, grifo nosso.

não na duração. Que não se trilhe o caminho do total descuido, principalmente acerca do silêncio; pois, como defende Ratzinger, a liturgia, em certos pontos, não conhece fixações rígidas.

Por fim, na oração eucarística I, ou Cânon Romano, encontram-se dois momentos de silêncio; sua finalidade é proporcionar que se reze pelos fiéis vivos e defuntos, conforme a ordem que dispõe a mesma oração.²⁵⁹ Esses silêncios trazem em si a insondável proporção de que toma a celebração eucarística. Faz remeter o pensamento não só àqueles que estão presentes, mas à Igreja inteira. Lembra-se dos filhos e filhas que são Igreja, mesmo que dispersos; também a Igreja do passado, porém não ausente.²⁶⁰

3.3.3 Silêncio no rito da comunhão

Nesse bloco ritual, o silêncio está relacionado com a distribuição da comunhão aos fiéis. Sempre foi de maior conhecimento o silêncio após a distribuição da comunhão. Mas a Instrução Geral do Missal Romano estabelece a todos, sacerdotes e fiéis, uma preparação: “O sacerdote prepara-se por uma oração em silêncio para receber frutuosa e o Corpo e Sangue de Cristo. Os fiéis fazem o mesmo, rezando em silêncio.”²⁶¹ Eis uma pausa, um respiro, após o denso desenrolar de toda a liturgia eucarística. Essa pausa almeja, primeiramente, a preparação para uma recepção frutuosa do Senhor que se faz alimento. Sendo essa a finalidade de todos os ritos preparatórios à comunhão, também o silêncio dela participa.²⁶²

Mas é o silêncio após a comunhão o mais importante dentro desses ritos. “Terminada a distribuição da comunhão [...] o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio. Se desejar, toda a assembleia pode entoar ainda um salmo ou outro canto de louvor ou hino.”²⁶³ Mesmo que se conceda entoar um canto, parece que a melhor opção seja o silêncio; sobretudo se o canto já teve seu lugar durante a distribuição da comunhão, e que tenha proporcionado a exultação de todos.²⁶⁴

²⁵⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2010, p. 469;475.

²⁶⁰ ASSUNÇÃO, 2016, p. 189.

²⁶¹ CNBB, 2018, p. 65.

²⁶² CNBB, 2018, p. 63.

²⁶³ CNBB, 2018, p. 66.

²⁶⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A música litúrgica no Brasil:** um subsídio para quantos se ocupam da música litúrgica na

Ainda que inevitável, esse momento também assume certa movimentação e deslocamentos. É um fator que pode levar à anulação do silêncio previsto; outro fator é o desejo de tão brevemente chegar à conclusão da celebração eucarística, tal como argumenta Ratzinger:

[...] aqui nos encontramos muitas vezes diante de impedimentos que podem prejudicar este momento per si precioso: a distribuição da Comunhão prossegue com a inquietude do vai e vem e, porque ela não raramente dura muito tempo em relação ao restante da ação litúrgica, o sacerdote sente a necessidade de proceder rapidamente com a liturgia, a fim de que não se crie um tempo vazio de espera nem alguma inquietação, quando alguns já se preparam para sair.²⁶⁵

É um problema identificado ao longo de todo o rito da celebração eucarística ou noutras liturgias. Comumente, a opção é seguir o rito numa sequência tal que desconsidere a valorização do mistério, daquilo que não está ao alcance dos sentidos. Por isso, deve-se sempre partir do significado dos ritos, evocado por Ratzinger, na sua consideração anterior, do fato de ser um momento *precioso*. E a preciosidade consiste na comunhão com Jesus Cristo, o que, segundo García, dispensa qualquer explicação.

Palavras são desnecessárias aqui. Não devemos esquecer que a participação na comunhão do Corpo e Sangue de Cristo é um ato do amor por excelência, é dar-se, entregar-se, é deixar-se comer. Cristo vem até nós coberto e envolto por trás dos véus de pão e vinho. Está aí. Nos olha. Nos fala. Nos ama.²⁶⁶

Igreja de Deus que está no Brasil. São Paulo: Paulus, 1999. (Estudos da CNBB 79). p.142.

²⁶⁵ RATZINGER, 2019, p. 165.

²⁶⁶ “Aquí las palabras son innecesarias. No debemos olvidar que la participación en la comunión del Cuerpo y Sangre de Cristo es un acto de amor por excelencia, es un darse, entregarse, es dejarse comer. Cristo viene a nosotros revestido y envuelto tras los velos del pan y del vino. Está ahí. Nos mira. Nos habla. Nos ama.” (GARCÍA, 1977, não paginado. tradução nossa).

É o silêncio de presença amorosa, conforme o mesmo autor já classificou anteriormente. Com isso não se pretende tratar da comunhão sacramental como um ato tão individual a ponto de se tornar individualista, em detrimento da dimensão comunitária. É inegável que o ato assuma um fator individual. Jesus Cristo se dá a cada um individualmente por inteiro. A liturgia não conhece fixações rígidas, como já mencionado. Não se crie uma oposição entre vivência comunitária desse momento ou uma vivência mais individual, ao se observar o silêncio.²⁶⁷ Aliás, como seria possível falar de um corpo místico formado se não fosse formado, primeiramente e de modo mais perfeito, cada membro do corpo?

É preciso que cada fiel faça crescer a presença do Senhor em si mesmo para, então, poder afirmar que se está em comunhão com todos os outros que gozam da mesma presença. Afinal, comunhão não é comunhão se não em Jesus Cristo. Por isso que esse silêncio também é chamado silêncio de louvor. Louvor não com palavras, mas com silenciosa gratidão e mesmo certo assombro. Através dele todos podem agradecer tamanho dom recebido, de ter em si mesmos Jesus Cristo e formar um único corpo com todos aqueles que também dele comungam.²⁶⁸

3.4 RITOS FINAIS

Do silêncio nos ritos finais pode-se mencionar apenas o momento após a conclusão da celebração, com a despedida *ide in paz*. Embora a prática seja entoar um canto enquanto todos deixam o ambiente, esse mesmo canto não é oficialmente previsto; desconsiderando-o, restaria apenas o silêncio. Qual seria o conteúdo desse silêncio mesmo após o término da celebração? Pio XII vincula a quietude da oração após a missa ainda à ação de graças pela recepção da sagrada comunhão.

Por que, pois, veneráveis irmãos; não louvaremos aqueles que, recebido o alimento eucarístico, ainda depois que se dissolveu oficialmente a assembleia cristã, se demoram em íntima familiaridade com o divino Redentor?²⁶⁹

²⁶⁷ Cabe dizer que a dimensão comunitária na distribuição da comunhão muito se cultiva através do canto comum, entoado por todos. (CNBB, 2018, p. 65).

²⁶⁸ DESTHIEUX, 2014, p. 229.

²⁶⁹ PIO XII. **Carta encíclica *Mediator Dei***. Castel Gandolfo, 20 nov. 1947. Não paginado; MD 112. Disponível em: < <https://www.vatican.va/content/pius->

Menciona-se também a permanência em oração para refletir toda a celebração eucarística celebrada, sobretudo os textos bíblicos proclamados e comentados na homilia. Tudo na celebração pretendeu comunicar o sagrado e alimentar a vida espiritual; portanto, pode ser objeto de posterior meditação. Não se exclui, com isso, a possibilidade de execução de um canto de conclusão, para a dispersão da assembleia; mas que, terminado o mesmo canto, seja o silêncio a prevalecer, um silêncio orante. Do mesmo modo que pelo silêncio se deu a preparação para a celebração, pelo mesmo silêncio se retornará à vida cotidiana.

É o vínculo entre vida e liturgia. Nada cantar ou dizer ao término da ação litúrgica, significa que na vida cotidiana à qual se retorna também deve haver silêncio. Durante a celebração eucarística o silêncio foi meio para melhor escutar a voz de Deus, ter um contato verdadeiro com ele. E quem poderá dizer que não cabe a todo cristão alimentar essa prática em todos os dias, mesmo fora da ação litúrgica? A qualidade do silêncio durante a liturgia dependerá também de como se vive o silêncio fora dela.²⁷⁰

A celebração eucarística é a máxima, não única, fonte da espiritualidade dos cristãos católicos. A ela devem ser direcionados os esforços para que se torne verdadeiramente uma fonte; e para isso, o emprego dos meios já dispostos para tal. O silêncio certamente faz perceber que a celebração eucarística e toda ação litúrgica eleva-se ao patamar de uma ação que não é unicamente humana, mas ação de Deus.

Nos mais diversos ambientes está presente a música, o canto, as palavras, as cerimônias, a reunião, a festa, comumente não com o objetivo de conduzir a algum tipo de introspecção; já o silêncio parece que se destina mais estritamente àquelas coisas as quais as palavras não conseguem expressar ou conter. O silêncio denuncia que aquilo que ali se vive é grave, é maior e mais elevado, é digno de toda atenção.

Portanto, mais do que nos momentos específicos ao longo da celebração eucarística, o silêncio quer contribuir para algo sempre maior. É um grande pedagogo e mistagogo para todo cristão. Dentro e fora da liturgia ensina a parar, a degustar o que está para além das palavras e dos gestos. Ensina que Deus é o objetivo último do silêncio. Ensina a abertura para Deus. O silêncio caminha lado a lado com a virtude da humildade, da obediência, do acolhimento e do amor, por fim. Só se detém em

xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html>.

Acesso em: 30 maio 2021.

²⁷⁰ DESTHIEUX, 2014, p. 233.

silêncio aquele que não pretende imperar, mas cede lugar para o outro e para o grande outro, Deus.

CONCLUSÃO

A celebração eucarística mostrou-se particularmente envolvida de silêncio, do início ao fim. Ou melhor, antes mesmo do início, e após seu término. Enquanto elemento isolado dentro da dinâmica ritual, talvez não seria investigado com tanta diligência. Mas se trata de um elemento ao qual a celebração em questão recorre com intensidade. Isso, por si só, deve despertar a atenção para perscrutar e reconhecer seu valor. Não obstante, a celebração eucarística é liturgia, a liturgia fonte de todas as outras e para a qual tudo converge. É a grande fonte de espiritualidade para os fiéis, até mesmo por ser a mais frequentada por eles.

São fatores que impulsionaram a sistematização aqui proposta. Deparamo-nos com uma ação litúrgica que muito recorre ao silêncio, a celebração eucarística. Mas como se poderia compreender e viver o silêncio nessa celebração, sem a compreensão do espírito da liturgia e de como depende do silêncio? Como praticar algo sem conhecer sua finalidade?

Ao falar sobre qualquer assunto relacionado à liturgia, sempre deve estar em primeiro plano aquilo que se buscou evidenciar: ela é ação de Deus para os homens e mulheres. Essa ação comporta um significado insondável e pode abarcar várias conotações, algumas aqui mencionadas: saída de Deus ao encontro do ser humano; a salvação oferecida por Deus; a santificação do ser humano e a glorificação de Deus; a experiência de ser enxertado em Jesus Cristo, e imitá-lo em suas atitudes; a ação do Espírito Santo, tornando a salvação um acontecimento atual. Uma vez resgatada essas dimensões, a elas sempre se deve retornar, sobretudo quando se desejar explorar outras dimensões. Por exemplo: a presidência litúrgica, a música litúrgica, o espaço litúrgico, devem balizar-se pelo espírito da liturgia.

É essa constatação primária e fundamental que fará, daqui em diante, com que não se relativize os elementos celebrativos, as rubricas e recomendações. Seu uso equilibrado e consciente potencializará o acesso ao espírito da liturgia. Fala-se dos elementos que estão ao alcance daqueles que celebram. Um elemento que aqui se buscou explorar foi o silêncio; que já pode ser chamado, com clareza, silêncio litúrgico, porque destina-se, na dinâmica litúrgica, tão somente para esse fim. À pergunta: por que deve haver silêncio na liturgia? Porque se está na presença de Deus e se quer conceder abertura à sua ação, estabelecendo um verdadeiro encontro.

Desvinculado da dimensão litúrgica, o silêncio certamente traria desconforto, quando utilizado mesmo na liturgia. É uma prática,

convenha-se, que pode servir tanto para o bem como para o mal; o silêncio de indiferença, por exemplo. Porém, na liturgia, a indiferença à ação de Deus é o que se quer ao máximo evitar. Nesse caso, o não uso do silêncio poderia causar isso. Formas de mostrar indiferença são a não escuta, a não meditação, a pressa, o não conceder abertura, não se deter em contemplação.

Na liturgia, o contrário da indiferença é a participação, o tomar parte do mistério, constituir-se um verdadeiro alvo da ação de Deus. Para isso, constatou-se, o silêncio é fundamental. É aquele gesto que, de forma eminente, concede abertura, acolhimento, escuta atenta, reflexão no que se ouviu, para consolidar ainda mais na mente e no coração tudo o que se pode haurir da liturgia.

Compreendeu-se, a partir das considerações sobre a participação ativa e frutuosa, que é preciso fomentar a verdade da celebração. O silêncio na celebração eucarística abre-se como um espaço privilegiado para que se realize essa verdade, nas suas diversas partes e ritos. À presença do ressuscitado, que está junto de todos quantos desejam celebrar a liturgia, faz-se silêncio. Sua presença é silenciosa? Seja silenciosa também a atitude dos seus comensais. Ao seu convite de reconhecer a condição de pecador, o único caminho é o silêncio. Quando convida para a oração, faça-se a, primeiro em silêncio. Quando ele falar, faça-se silêncio; essa Palavra não se pode perder. Também se medite nela, pois uma Palavra viva não encerra sua ação ao término da proclamação.

Quando ele tomar nas mãos o pão e o vinho, quando render graças ao Pai e oferecer-se em sacrifício, faça-se silêncio para que esse ato sublime não passe despercebido; e que também seja o ato de todos os que desejarem se unirem ao mesmo sacrifício. Quando ele se der em alimento, faça-se silêncio, pois é a presença por excelência. Por fim, quando ele enviar em missão, que perdure o silêncio, meio pelo qual ele se manifesta e nele habita.

Além da participação, o silêncio também se mostra necessário para o estilo da celebração que se deve buscar, e que os fiéis mesmos buscam. Que proporcione calma e serenidade. Que seja um descanso, não um esforço. Que ofereça algo que não se encontra facilmente. Os fiéis buscam momentos de paz e que fomentem a espiritualidade. Uma pausa restauradora no seu caminho. Que seja de fato uma pausa, e que não se dê a impressão de que a liturgia seja um prolongamento da inquietude do dia-a-dia; mas que o dia-a-dia seja iluminado pela quietude que se experimentou na liturgia.

Pelo testemunho bíblico, viu-se que Deus se faz sentir na brisa suave, não no barulho. Que o silêncio propriamente dito, vivenciado na

liturgia, aponte como deve transcorrer também o restante da mesma ação. As pausas de silêncio não devem ser compensadas com o barulho. Na verdade, pela exigência da própria liturgia, tudo deve ser compatível com o silêncio. Por isso se disse que a vida litúrgica se inicia com o aprendizado do silêncio. Tudo será mais apropriado na medida em que, sem causar espanto, sair do silêncio e voltar ao silêncio.

Por fim, com tudo isso não se pretende manter a reflexão litúrgica no seu nível normativo, apenas; mas com ele ascender às coisas mais elevadas. Não sejam as celebrações eucarísticas oferecidas apenas de modo a cumprir com o dever da Igreja. Ela, a Igreja, deve oferecer tudo o que possui. Ela tem o máximo dom e o modo de como custodiar esse dom, de acordo com sua dignidade. A liturgia é experiência de eternidade, experiência que ultrapassa as coisas terrenas. Que ela manifeste no visível aquilo que está invisível. Saibam os homens e mulheres silenciar, para fomentar uma atitude de quem deseja receber a salvação que vem de Deus.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Comentário aos salmos**: salmos 51-100. São Paulo: Paulus, 1997.

ALDAZÁBAL, José. **Gestos e símbolos**. São Paulo: Loyola, 2005.

ASSUNÇÃO, Rudy A. de. **O sacrifício da Palavra**: a liturgia da missa segundo Bento XVI. Campinas: Ecclesiae, 2016.

BÁEZ, Silvio J. **Quando tudo se cala**: O silêncio na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 2010.

BENTO XVI. **Audiência geral**. Vaticano, 3 out. 2012. Não paginado. Disponível em: < http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121003.html>. Acesso em: 31 out. 2020.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985.

BOROBIO, Dionisio. **Celebrar para viver**: liturgia e sacramentos da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da Liturgia**. Brasília: CNBB, 2017.

BRUSTOLIN, Leomar A.; GOMES, Tiago de F. A comunicação do sagrado na liturgia. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, ano 25, n. 90, p. 325-346, jul/dez 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i90.32600>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA. **A arte de celebrar**: guia pastoral. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 33-86.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A música litúrgica no Brasil**: um subsídio para quantos se ocupam da música litúrgica na Igreja de Deus que está no Brasil. São Paulo: Paulus, 1999. (Estudos da CNBB 79).

_____. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. Brasília: CNBB, 2008.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 14. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Pontifical Romano**. São Paulo: Paulus, 2019.

CRIVELLI, Jean C. Introdução. In: FONSECA, Joaquim (Org.). **Assembleia**: povo convocado pelo Senhor: em memória do padre Joseph Gelineau. São Paulo: Paulus, 2014.

DEISS, Lucien apud DESTHIEUX, Pascal. **Le silence dans la célébration de l'Eucharistie**: Une étude et une analyse des documents liturgiques d'après le concile Vatican II. 304 p. Tese (Doutorado) – Curso de Teologia, Universidade Católica de Louvain, Bélgica e Universidade de Friburgo, Suíça, 2014.

DESTHIEUX, Pascal. **Le silence dans la célébration de l'Eucharistie**: Une étude et une analyse des documents liturgiques d'après le concile Vatican II. 304 p. Tese (Doutorado) – Curso de Teologia, Universidade Católica de Louvain, Bélgica e Universidade de Friburgo, Suíça, 2014.

DORDAL, Josep U. Silencio y celebración litúrgica. **Phase**: revista de pastoral litúrgica, Barcelona, ano 52, n. 307, p. 59-68, 2012.

FERNANDEZ, Pedro. O mistério pascal de Jesus Cristo. In: BOROBIO Dionisio (Org.). **A Celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990a. p. 245-251.

_____. Um culto em espírito e verdade. In: BOROBIO Dionisio (Org.). **A Celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990b. p. 252-276.

FRANCISCO, Papa. **A Santa Missa**. São Paulo: Paulus, 2018.

GARCÍA, Bernardo. Silencio y Liturgia. **Cuadernos Monásticos**. [s.l.] v. 41, p. 167-176, 1977. Disponível em: <https://www.surco.org/sites/default/files/cuadmon/disponible_disponibile-forma-gratuita/cuadernos-monasticos-41-2339.pdf>. Acesso em 11 ago. 2020.

GELINEAU, Joseph. **Os cantos da missa**: no seu enraizamento ritual. São Paulo: Paulus, 2013.

GUARDINI, Romano apud SARTORE, Domingos. Silêncio. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1135-1142.

_____. **O Espírito da Liturgia**. 2. ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Efésios. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 81-89.

INSTRUÇÃO Geral sobre a Liturgia das Horas. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Spiritus et Sponsa***. Vaticano, 4 dez. 2003. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2003/documents/hf_jp-ii_apl_20031204_spiritus-et-sponsa.html>. Acesso em: 20 abr. 2021.

LUTZ, Gregório. O que é liturgia? In: LITURGIA: vida e obra do Padre Gregório Lutz, CSSp (1931-2019). São Paulo: Loyola, 2019. p. 165-172.

MABIALA, Matalanga. **A beleza da liturgia**: manifestação da presença real de Cristo. 99 p. Dissertação (Mestrado) — Teologia Dogmática com concentração em Liturgia, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção, São Paulo, 2007.

MALDONADO, Luis. Como se celebra: estruturas e leis da celebração. In: BOROBIO Dionisio (Org.). **A Celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990. p.182-187.

MAQUEDA, Adolfo Lucas. **Espírito Santo e liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2020.

MARCOLINO, Reginaldo. O Concílio Vaticano II e a redescoberta da participação ativa dos fiéis na liturgia. **Contemplação**: revista acadêmica de filosofia e teologia da faculdade João Paulo II. Passo Fundo, ano 11, ed. especial, p. 1-14, 2015. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/73>>. Acesso em 21 ago. 2020.

PAULORENA, José A. G. B de. Resaltar los *altiora principia* de la liturgia. **Phase**: revista de pastoral litúrgica, Barcelona, ano 58, n. 348, p. 527-529, 2018.

PIO XII. **Carta encíclica Mediator Dei**. Castel Gandolfo, 20 nov. 1947. Não paginado. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html>. Acesso em: 30 maio 2021.

RATZINGER, Joseph. **Teologia da liturgia**: o fundamento sacramental da existência cristã. Brasília: CNBB, 2019.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. **Instrução Musicam Sacram**: sobre a música na sagrada liturgia. In: Documentos sobre a Música Litúrgica. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2017.

SANZ, Agustín. Liturgia y Experiencia de Dios. **Phase**: revista de pastoral litúrgica, Barcelona, ano 51, n. 304, p. 349-362, 2011.

TABORDA, Francisco. **O Memorial da Páscoa do Senhor**: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009.

URDEIX, Josep. ¿Es posible hablar de un *ars participandi* referido a la liturgia? **Phase**: revista de pastoral litúrgica, Barcelona, ano 50, n. 299, p. 367-396, 2010.